

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte;
permitida a citação. A citação deve ser fiel à
gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CAVALCANTI , Maria Laura Viveiros de Castro .
Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti
(depoimento, 2017). Rio de Janeiro,
CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h
35min).

**Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti
(depoimento, 2017)**

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador: Celso Castro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 25/05/2017

Duração: 2h 35min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Antropologia; Arquivos pessoais; Carreira acadêmica; Casa de Rui Barbosa; Ciências Sociais; Ditadura; Divórcio; Ensino superior; Estados Unidos da América; Família; Feminismo; Folclore; Formação acadêmica; Formação escolar; Governo Fernando Collor (1990-1992); História; Infância; Magistério; Museu Nacional; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Regime militar; Religião; Universidade de Columbia; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 25 de maio de 2017 Origens familiares; ensino básico e vivência da ditadura na infância; escolha do curso universitário; graduação em História na PUC; professores marcantes; estágio no Centro de Estudos Afro-Asiáticos; contratação e pesquisa na Casa de Rui Barbosa; seleção para o mestrado no Museu Nacional; maternidade, feminismo e carreira acadêmica; dissertação e relação com os orientadores; divórcio, relação com as filhas e conciliação com o Museu Nacional; antropologia e feminismo; escolha pelo tema de pesquisa em religião; pesquisas sobre folclore; pausa nos estudos e trancamento do doutorado; Instituto Nacional de Folclore; pesquisa sobre carnaval e samba; crise no governo Collor; repercussões da pesquisa; concurso para o IFCS e final do doutorado; campo dos estudos sobre folclore; arquivo de Oracy Nogueira; pesquisas sobre Boi Bumbá; ingresso no IFCS e transformações no departamento de Ciências Sociais; período nos EUA – Universidade de Columbia; orientação de alunos; situação da pós-graduação hoje; novos projetos.

Entrevista: 25/05/2017

Celso Castro – Maria Laura, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito participar desse projeto.

Maria Laura – Obrigada pelo convite. Adorei. Achei ótimo.

C. C. – E eu queria começar perguntando sobre as suas origens familiares, a sua infância...

M. L. – A minha infância? Ah, que delícia!

C. C. – Estudos, antes, ainda, da faculdade.

M. L. – Olha só. A família de meu pai, Cavalcanti. Meu pai é neto de Domingos Olympio Cavalcanti, o autor de *Luzia Homem*. Mas é engraçado porque, eu fico pensando, é meu bisavô, a minha neta conheceu a bisavó, mas como eu não conheci nem meu bisavô nem meu avô, esse meu bisavô, o escritor - parece que morreu no Supremo Tribunal, uma coisa dramática, defendendo uma causa, morreu assim, na hora - deixou a família grande, e o filho mais velho, meu avô paterno, era também Domingos Olympio, e meu pai, que é filho único, é Domingos Olympio. É uma família de Sobral, do Ceará. Mas uma família empobrecida. Muitos filhos. O pai de meu pai, o Domingos Olympio Cavalcanti, era o filho mais velho do segundo casamento de meu bisavô. E esse avô morreu muito cedo. Papai tinha 18, 17 para 18 anos, quando o pai dele morreu. E o papai ficou com a mãe, com a Noêmia Jordão de Brito. Uma família de Friburgo, área de Sumidouro, fazendeiros também. Que essa que é a história do Rio de Janeiro. Uma entre tantas famílias que vieram para o Rio de Janeiro. Então, meu pai ficou cuidando da mãe, e eles ficaram muito pobres. Papai morava com a mãe numa quitinete na Júlio de Castilhos, que ele conseguiu comprar, porque um tio dele era engenheiro, tio Alberto, não tinha filhos... É até interessante. Na época, ele casou com uma mulher que era desquitada e tinha dois filhos. Era um escândalo. As outras irmãs do meu avô, que essas eu conheci, não falavam com ela. Era muito engraçado, porque moravam no mesmo prédio, ali na esquina da Souza Lima, e a gente subia para visitar um e subia para visitar outro. [riso] Mas elas não falavam, não aceitavam a Alex. Enfim. Esse meu tio Alberto era uma pessoa muito, muito legal. E ele chamou meu pai para trabalhar na firma de engenharia. Papai se formou lá na Escola Nacional de Engenharia, que é o atual IFCS, então papai conseguiu... papai, papai conseguiu foi às custas de seu próprio trabalho.

Enfim. E tinha a mãe para cuidar. A minha avó paterna, mãe do meu pai, eu também não conheci, porque ela morreu quando eu tinha... antes de minha irmã, *que faz dois anos*, nascer. É interessante isso. Agora que eu perdi minha mãe, a gente pensa a diferença que faz você ter convivido com alguém da geração ou não. Porque quando você não conviveu, a criança, a pessoa que nasce depois, ela não tem... fica distante. Às vezes, se o tempo cronológico é próximo, fica psicologicamente e culturalmente tão distante... E eu estou falando isso tudo porque papai era filho único e tinha perdido o pai, perdeu a mãe também, quando eu tinha um ano e pouco, tudo que ele teve foi ele que trabalhou; e mamãe vinha de uma família... mamãe era a caçula de oito e era – é a família Sodré Viveiros de Castro, que era uma família assim, muito animada.

C. C. – Como é o nome de sua mãe?

M. L. – A mamãe é Carmen Sodré, de solteira. Ela é Carmem Sodré Viveiros de Castro. Uma família assim muito animada. Ela tinha muito orgulho, porque o avô, que morou com ela a vida inteira, era o Lauro Sodré, que foi o primeiro governador do Pará, aquela geração de Benjamin Constant, a primeira geração que ascende por mérito, na República, e positivista, maçom... Muito engraçadas as histórias, porque a mulher era... a minha avó Theodora, Theodora de Almeida, era de Óbidos -, eles casaram em Óbidos, no Pará – ele é de Belém, ela é de Óbidos –, era de família de açorianos, que estavam lá em Óbidos... Tem lá a capelinha... Eu tenho esses documentos todos. É tão interessante.

C. C. – Mas, depois, ele veio ser senador pelo Rio de Janeiro, de oposição

M. L. – Vem ser senador pelo Rio de Janeiro. E eles moraram, esse meu bisavô essa minha bisavó, que eu também não conheci... Eu tenho até uma foto dela comigo no colo, ainda, mas eu não tenho lembrança. Devia ter um ano de idade.

C. C. – A Theodora?

M. L. – A Theodora, é. Eu tenho uma foto dela comigo, ainda no colo. Minha avó, ela e eu no colo dela. Eles moravam ali... a última casa deles foi ali na Conselheiro Lafaiete, em frente da Bulhões de Carvalho. Esses bisavós moraram com os meus avós, com os pais de minha mãe. Ele era maranhense. Ele era o Viveiros de Castro, de uma família que vinha do Maranhão, com ascendente lá na região de Alcântara. Eles já tinham saído de lá, quando o algodão acabou, não sei o que... Aí, tudo profissional liberal tinha ido para São Luiz do Maranhão. O ministro Viveiros de Castro, o da rua, é tio dele. Essas famílias assim.

C. C. – O Eduardo Viveiros de Castro é seu primo?

M. L. – Eduardo é meu primo-irmão. Eduardo é filho de um irmão de minha mãe. Mas esses pais de minha mãe que moravam com o Lauro Sodré e com a vó Iaiá, a mamãe é caçula de oito, então eram oito, assim, cinco homens e três mulheres...

C. C. – Muitos primos e primas.

M. L. – Então, eu tinha trinta e... Eu tenho ou tinha, porque alguns já morreram. Tinha trinta e três primos-irmãos, do lado da minha avó materna. E a minha avó materna eu conheci. E aí essa família grande se juntava toda na casa da minha avó, que era em Botafogo, então, engraçado, porque a minha... Eu levei até um tempo para redescobrir a família do meu pai, [riso] porque o contato todo era, muito forte, com a família de minha mãe. Mas enfim, aquelas famílias grandes, também com essas histórias de classe média. E a mamãe... Mamãe é uma mãe assim, é uma mãe muito especial, porque a minha mãe sempre trabalhou. Então, para mim, era...

C. C. – Ela fazia o quê?

M. L. – Ela fez neolatinas, na PUC, mas ela acabou sendo técnica do Ministério do Trabalho. Um trabalho que ela odiava, mas que pagava muito melhor do que, na época, ser professora. E aí ela acabou aceitando, porque os dois viviam de salário. E aí já... eu e minha irmã... Enfim. A gente morava num apartamento ali na Bulhões de Carvalho.

C. C. – Seu pai, ainda na firma do tio.

M. L. – Papai, engenheiro. É. Na firma da Cavalcanti Junqueira. Era engenheiro de obra, engenheiro civil mesmo. Adorava obra. Papai é uma pessoa muito democrática. Adorava os mestres de obra, era amigo, a gente ia nos churrascos, ia em festa de cumeeira, quando tinha prédio que ficava pronto. Papai era uma pessoa muito, assim, muito aberta. Amigo dos porteiros. Assim, sempre... Gostava de falar com as pessoas. Enfim. Umas figuras. Então era... é uma família assim. Gostavam de cultura. Eu gostei de ler desde muito pequena, muito pequena.

C. C. – Quantos filhos eles tiveram?

M. L. – Dois. Eu e minha irmã. A mamãe teve pouquinho. Os irmãos é que tinham sete, oito, cinco. A mamãe é que - que é a caçula, que teve só duas.

C. C. – E você nasceu aqui no Rio.

M. L. – Eu nasci aqui no Rio, em 1954, é. Então eu tive muito contato com esses primos do lado materno. Muito contato, na infância toda. E morava ali, num lugar lindo...

Até brinquei com a Julia O'Donnell, porque... Era a praia, a praia do Arpoador, a gente morava ali na Bulhões de Carvalho, e a minha mãe é exatamente a geração que a Julia O'Donnell trabalha na tese dela ... Aquela geração que quer ser moderna? Que pegou a Coca-Cola, a televisão. Minha mãe andava de bicicleta... Conta que – ela era muito lourinha, de olhos azuis que nem meu avô – e foi perseguida durante a Segunda Guerra Mundial, porque achavam... “olha aquela alemã ali”. [riso] Saía correndo, com a bicicleta. Mas aquela geração que pegou essa mudança de costumes, que fumava, porque achava... enfim...

C. C. – Chique.

M. L. – Porque achava chique. Mas muita praia, minha infância, muito, na praia do Arpoador. Enfim, a vida do Posto Seis daquela cidade.

C. C. – Mas você estava dizendo que gostava muito de ler.

M. L. – É. Eu sempre gostei muito de ler. Lia muito.

C. C. – Seus pais liam muito também?

M. L. – Liam. Papai e mamãe. Papai gostava... Mas é engraçado, porque eles gostavam de coisa muito diferente. Assim, a minha mãe tinha estudado no Sion e a educação no Sion, naquela época, era em francês, então ela conhecia, adorava literatura francesa. *Adorava* literatura francesa. E eu estudei na Aliança [Francesa]. Eu fiz a Aliança inteira. Fiz os literários da Aliança. Aliás, adorei. Então, eu lia muito, ela me dava muita coisa para ler. O meu pai, que não falava francês, lia muito espanhol. Adorava literatura em espanhol. E gostava... Ele não lia inglês, mas ele gostava da literatura americana, inglesa. Faulkner, Somerset Maugham, essas coisas todas, era meu pai que gostava. [riso] Então, é interessante. E a mamãe... Mas a mamãe gostava muito de línguas, ela tinha feito o curso de línguas, então ela me pôs, pequena ainda, eu tinha sete anos, entrei na Cultura Inglesa, porque ela achava... ela sabia francês, mas achava que o inglês era importante. Ela mesma entrou na Cultura Inglesa, também. Ela gostava muito de língua. Muito de língua. E me passou esse gosto. Eu entrei para a Cultura Inglesa muito cedo e para a Aliança Francesa também. Que eu acho uma coisa maravilhosa. Eu lia – nossa! –, aprendi a raciocinar, aprendi a fazer texto, introduzir, desenvolver ideia, concluir. Eu aprendi isso tudo nos cursos de língua.

C. C. – Mas você foi estudar em que colégio?

M. L. – Eu estudei treze anos no Colégio São Paulo. Quando pequenininha, eu estudei no colégio Pernalonga, que era uma delícia; que era a cem metros da Bulhões de Carvalho, ali. Mas fui me alfabetizar já no Colégio São Paulo, que é um colégio de freiras; que eu gostei muito, na infância; no ginásio, eu já não... No ginásio, eu gostei muito, até que duas freiras, que eram, para a época, revolucionárias, que levaram a gente para fazer mini Projeto Rondon – eu aprendi a dar vacina, dei aula de matemática, de alfabetização para populações carentes, enfim, elas faziam um trabalho... Traziam a revista *Realidade*, que na época era uma coisa... Essas duas freiras, num determinado momento, foram [expulsas]. A ditadura chegava em qualquer lugar, chegava até no colégio de freiras. E elas foram expulsas. Enfim. E aí o colégio ficou muito chato. Aí eu parei de gostar do colégio. Isso já no... depois do ginasial. Mas até esse momento, foi muito interessante.

C. C. – Mas você, ainda no colégio... Quer dizer, em 1964, você tinha o quê? Dez anos.

M. L. – Dez anos.

C. C. – Mas você sentia o clima geral, político, no colégio?

M. L. – Não. Na época de 1964, meu pai e minha mãe eram udenistas, não eram janguistas. Eu me lembro, fizeram campanha para o Jânio. Eu me lembro de “vassourinha” lá em casa, não sei que. Mas nunca foram de ir à Marcha com Deus pela família, com a liberdade. Não sei como é que é a marcha.

C. C. – A Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

M. L. – É. Mas eles não iam nisso. O papai conta que quando ele era criança... Ele estudou no Mallet Soares e na época do Getúlio, na ditadura do Getúlio. O papai conta que teve um dia que ele saiu para uma festa – ele era filho único –, saiu, com o pai, para uma festa no colégio, e aí o Villa-Lobos ia reger um coro, no dia da Raça, que o pai dele falou: “Ah, meu filho, você não vai em dia da Raça, não. Sinto muito, mas isso ... [riso] Você não vai cantar em coro pelo dia da Raça, não”. Então, uma família assim. Mas eles... Eu me lembro de 1964. Porque a gente morava na Bulhões de Carvalho e tinha o Forte Copacabana, e a gente, da minha casa, via um morrinho –, que hoje em dia não vê mais, porque as construções taparam –, mas você via o topo de um morrinho, onde os soldados ficavam. Então, teve muita movimentação ali. Porque a Bulhões de Carvalho é *assim* com a Francisco Otaviano, e o Forte era ali, no finalzinho da Francisco Otaviano.

Eu me lembro de a gente indo ver, curiosos, o que é que estava acontecendo, os soldados; as pessoas davam cachorro quente para os soldados comerem, sabe; me lembro muito de falta d'água; tinha um posto de gasolina, que até hoje tem, a gente ia buscar água, com latão, na esquina; racionamento de energia; o pessoal da favela Pavão-Pavãozinho descia, também, para pegar lata d'água na cabeça. Minha vida de infância. Menina de Copacabana, do Posto Seis. [riso] Mas essas memórias todas são muito vivas.

C. C. – Do colégio, você faz o vestibular para desenho industrial? Na PUC.

M. L. – É. Porque, assim, eu gostava de tudo, Celso. Era um problema. Eu gostava de tudo. Eu queria ser médica, adorava biologia. Eu fiz científico para medicina. Mas aí era um problema, porque eu ficava nervosa quando eu via sangue. [riso] Um dia, eu tive que dissecar uma rã, aí, quando eu vi o coraçãozinho da rã, batendo, eu falei: “Aí. Acho que eu não vou aguentar isso aí”. Desisti ali. Mas eu gostava muito de desenhar, porque meu pai tinha um lado artista, papai pintava, desenhava muito bem, embora para uso próprio. Então eu adorava lápis de cor... Tudo isso eu tinha muito, lá em casa. E eu adorava desenhar. Aí falei: então vai ser desenho industrial, porque também, assim, eu vou ganhar dinheiro, alguma coisa moderna... Mas eu fui para a turma do... E eu tinha um grande amigo –, que, aliás, eu descobri que era meu primo por lado paterno; e a gente ficou amigos sem saber disso, descobrimos depois –, é meu amigo até hoje –, e ele ia fazer desenho industrial. A gente ficou amigo na Aliança Francesa. E ele ia fazer desenho industrial, e desenho industrial era uma coisa que era moderna, e eu fui, porque eu gostava muito dele, aí fomos fazer, fui fazer desenho industrial. Quando chegou no desenho industrial... Eu sempre fui muito boa aluna, estudava naturalmente, sempre fui estudiosa, assim, gostava de estudar; mas, quando eu entrei em desenho industrial, eu não me saía tão bem assim quanto meus colegas. Eu não estava muito habituada a isso, sabe?. [riso] Eu ficava, assim, naquela faixa média. E eu me saía muito bem em [filosofia]. Tudo que era narrativo, texto. Filosofia, história da ciência... E aí eu falei: bom, então vou para história ou para literatura. E acabei indo para história. Comecei a me encontrar, assim mais pessoalmente, no curso de história da PUC. Mas hesitei muito. Eu tocava piano também. Gostava de música... Enfim. São difíceis essas decisões.

C. C. – Isso é em 1973, que você entrou?

M. L. – 1973. Mas eu entrei para desenho industrial. Aí, a PUC era boa, porque ela tinha esse sistema aberto de créditos. Aí eu fiz um semestre de desenho industrial, aí

descobri que eu não tinha paciência para ficar dobrando caixinha, fazer esculturas. E as outras pessoas faziam aquilo maravilhosamente. Eu ficava muito humilhada. Fazia tudo muito feinho, colado... [riso] Falei não. Acho que não é por aí. [riso]

C. C. – Aí você passou para história. E como foi?

M. L. – Aí passei para história, aí me encontrei, assim, de primeira, porque nos meus primeiros cursos de história... Primeiro, eu gostei muito de chegar na PUC. Eu tinha um tio, um dos irmãos de minha mãe, que foi reitor da PUC, o padre Viveiros. Ele foi reitor do Santo Inácio e foi reitor da PUC. Jesuíta. E ele morou na PUC, porque, antigamente... Agora tem um prédio. Mas antigamente, essas casas eram dentro da PUC. Eles moravam dentro da PUC, naquelas casinhas, sabe, que tem até hoje?

C. C. – A vila dos diretórios?

M. L. – É. Aquilo eram casinhas, onde os padres moravam. E outras que tem ali, também, antes do Cardeal Leme, sabe? Na hora que você entra, tem umas casinhas? Ele morava numa dessas ali. E a gente ia visitar meu tio, nos fins de semana. Eu era muito pequena. A gente levava bicicleta e minha irmã levava velocípede. Não tinha ninguém na PUC, no fim de semana, e a minha mãe, meu pai ficavam conversando com meu tio, e a gente ficava descendo aquelas rampinhas do Cardeal Leme, sabe? Que tem até hoje. Aquilo era um sonho para mim. Então, engraçado, quando eu pisei na PUC, com dezoito anos, eu gostei demais, porque aquilo... Meu tio, depois, foi para outros lugares e... Enfim. E aquilo era familiar para mim. E é bonito. Tem um bosque... Eu adorei aquilo. Adorei. E a sensação – já estava andando sozinha de ônibus, já ia sozinha. E quando eu cheguei... E aí tinha uma coisa. O meu tio tinha falado para minha mãe: “Toma muito cuidado, porque o pessoal de esquerda... O curso de história é todo de esquerda, todo marxista...” Obviamente, todo mundo era mesmo marxista e, obviamente, você vira marxista também; mas aquele marxista assim, de meia tigela, porque era Marta Hanneck, Nicos Poulantzas, Louis Althusser... Eu lia tudo, aquelas coisas – fração de classe, não sei que de classe... Porque era uma forma, também, não só de ser contra a ditadura, mas de ter amigos. A garotada toda, todos os jovens eram... compartilhavam isso. E eu tive bons... Eu tinha professores muito antiquados, como o Américo Jacobina Lacombe, [em] todas as aulas dele, ele falava da princesa Isabel na varanda do Paço Imperial, assinando, com a caneta ... E repetia isso. Eu tive um professor antigo que era uma pessoa muito interessante, de histórias da América, que era o César Ferreira Reis. Ele é conhecido.

C. C. – Artur César?

M. L. – Artur César Ferreira Reis. Muito interessante. Ele levava a gente para a casa dele e dava livro para a gente. Era um cara... Acho que ele foi interventor no Amazonas.

C. C. – No Amazonas. É. Ele escreveu muito sobre a Amazônia.

M. L. – Esse cara era um cara muito *legal*. Ele morava ali na... aquela rua que sai da David Campista? Ele morava num prédio ali. E ele tinha o escritório dele lá. Para você ter ideia. Abria o escritório dele para a gente fazer trabalho de grupo. O Guy de Hollanda, que já estava muito velhinho, dormia na aula. Mas a gente... Eu peguei, logo no começo, professores muito bons. Tinha o Falcon...

C. C. – Francisco Falcon.

M. L. – Que as aulas eram muito monótonas, porque ele sentava na frente, não olhava para ninguém, e lia a aula. Mas o conteúdo era muito bom. E ele dava uma bibliografia marxista de história contemporânea, mas era um pessoal bom. Paul Sweezy, não sei o quê. Era bom. Eu gostei dos cursos dele. E a gente tinha o... uma pessoa que eu admiro profundamente até hoje, que era o Ilmar Rohloff de Mattos, que foi meu professor de história do Brasil. Ilmar, aquilo foi uma luz no meu ouvido, porque ele era pessoa *maravilhosa*. Deu uns cursos muito bons. E quando eu entrei pro... Peguei logo... No meu primeiro semestre, o Ricardo Araújo Benzaquen era monitor de uma dessas cadeiras do Falcon.

C. C. – Ricardo Benzaquen de Araújo.

M. L. - Ricardo Benzaquen de Araújo. Era monitor de uma dessas cadeiras do Francisco Falcon. E eu, um dia, descí da aula, fui pedir um cafezinho ali naquele bar, que é ali do bandeirão hoje em dia –, ali era um barzinho, naquele subsolozinho da ala Frings –, e aí, do meu lado, estava o Ricardo, e aí pediu um cafezinho também, e a gente começou a conversar, e não paramos de conversar até agora, ele morrer. Ficamos amigos para o resto da vida. E o Ricardo, no ano seguinte, ou seja, o meu segundo semestre de história, eu fiz já um curso com Ricardo como professor. Então, Ricardo foi meu professor em história antiga e em história medieval. E aí foi onde as coisas, realmente, começaram a acontecer para mim, porque a bibliografia dos cursos do Ricardo - onde as coisas começaram a acontecer assim intelectualmente para mim. Porque o resto continuava tudo igual. Era diretório, chapa, porque meus amigos... O movimento

estudantil ainda era clandestino, não podia ter. Mas a gente tinha diretório. Estava tudo banido. O movimento estudantil voltou a poder existir oficialmente em 1977, se eu não me engano, e eu saí em 1976. Mas a gente tinha movimento de diretório, e tinha chapas... As coisas eram clandestinas. Tinha a AP, tinha o MR-8. Eu não era militante nem nada, mas eu era ligada a um grupo que era ligado à AP, que era da... uma chapa que chamava Viração, que é onde eu fiz meus amigos; que eu acho que eram pessoas mais abertas. Enfim. Mas intelectualmente, as coisas começaram a acontecer nos cursos do Ricardo. Porque o Ricardo, que era essa pessoa extraordinária, antenadíssima, nessa época, ele estava traduzindo, com o Théo Santiago, o História Nova: novas abordagens, novos temas e... o terceiro...

C. C. – Novas perspectivas?

M. L. – É. Novas perspectivas [Novas abordagens, Novos Objetos, Novos Problemas] . Enfim, são três volumes. E ele usava isso na bibliografia do curso. Então, a gente leu essas coisas. Lemos Fustel de Coulanges, no curso de [história]. Quando eu fui ler Durkheim, eu já tinha lido Fustel de Coulanges. Aliás, eu fui ler Durkheim no mestrado. Mas não importa. Eu tinha lido Fustel de Coulanges. Era *Cidade Antiga*. Eu achei aquilo um negócio apaixonante. Aí lia tudo. Li Détienne, Vernant, Gernet, essa turma toda estava no História Nova.

C. C. – Que na época era uma grande novidade.

M. L. – Gente! 1976. Aí, eu comecei a me encontrar intelectualmente. Comecei a virar eu mesma, a me sentir bem, a gostar, a ter curiosidade de verdade. Era pelo gosto da coisa. E a gente fez um curso de história medieval, que, também, foi muito importante para definir a minha ida para antropologia, porque o Ricardo deu a bibliografia de teoria de acusação. Era *A Feiticeira*, do Jules Michelet. Olha o que é que a gente leu. Ele ia na [Livraria] Leonardo Da Vinci, a gente fazia uma lista, ele encomendava na Leonardo Da Vinci e levava os livros para gente. Era *A Feiticeira*, do Jules Michelet, e *A Inquisição em Portugal*, do Joaquim Saraiva. Então era teoria de acusação aquilo. E desvio. Enfim. Aí eu adorei aquilo. Adorei. Adorei. Aquilo me marcou muito. Foram dois cursos assim... eu me encontrei, assim, intelectualmente. Na época, a história era toda marxista. Toda marxista. O mestrado, a pós-graduação. E o marxismo engessava muito a cabeça, você já tinha aquelas coisas. Muito chato. Embora eu continuasse amiga de todo mundo. A cabeça já estava em outro lugar. E era muito chato. Você sabia tudo antes. Enfim. Então

era um lugar livre, esse outro lugar, um lugar onde havia um pensamento mais livre. Não se sabia antes nada. *Vam 'bora* ver. E aí meus colegas de quem eu gostava muito, também, da história, que eram pessoas muito *legais*... Eu cheguei a trabalhar na Hemeroteca da Fundação Casa de Rui Barbosa.

C. C. – É. Isso que eu ia te perguntar. Você fez também um estágio no Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

M. L. – Eu era muito ativa. Porque os colegas chamavam, eu ia. Eu queria ser independente, queria ganhar meu dinheiro. E...

C. C. – Mas aí não era trabalho de pesquisa, era um trabalho...

M. L. – Não. Era trabalho de pesquisa. Você sabe, o meu primeiro emprego foi no Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Que era um colega meu do curso de história moderna, o Sérgio Pechman, que me convidou, porque o José Maria [Nunes Pereira], que na época era o diretor... Isso era o meu primeiro semestre na... meu primeiro semestre de história, no segundo semestre de 1973. Em setembro. Ele falou “*vam 'bora*”... Era assim que as coisas aconteciam. “*Vam 'bora lá*”, e eu fui. Aí o José Maria perguntou: “Você quer trabalhar como estagiária?” Eu falei: “Quero”. – “Está contratada”. E ele estava... Ele precisava de ajuda porque ele estava fazendo – olha só – para o Edison Carneiro, que eu acho que morreu no ano seguinte... Eu até hoje estou querendo descobrir para onde foram esses verbetes. Eu não sei se foi para a Mirador... Depois, até vocês me ajudam. Porque ele contratou a mim e ao Sérgio para fazermos verbetes sobre países da África. E eu lia inglês e francês, então isso, nessa época, foi assim um... Porque eu lia as coisas de Uganda, Quênia, Tanzânia, Moçambique. Olha. Os verbetes dessa tal enciclopédia, que eu, até hoje, não sei quais foram, de Uganda, Quênia, Tanzânia, Moçambique, Angola quem fez [a pesquisa de base] fui eu. E dava para o José Maria, que aí dava aquela coisa. E eu acho que ele, por sua vez, dava para o Edison Carneiro, que era... [riso]

C. C. – E você não viu o resultado publicado.

M. L. – Eu não vi o resultado, porque as coisas eram... Eu não sei direito onde é que foi. E foi muito interessante. Na época, o Peter Fry estava chegando no Brasil, eu conheci o Peter Fry no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, antes de ele ir para Campinas. Adorava. Então foi uma época... A gente pegou o golpe do Allende, um dia que eu estava trabalhando lá. Foi muito marcante. Ficou todo mundo, até de noite, ouvindo o que é que estava acontecendo. Mas era assim, a relação do José Maria com o Cândido Mendes era

muito complicada, era muito complexa, e eu tinha... Era muito engraçada. Eu era muito assim... Eu tinha minhas críticas. Um dia, eu falei: “José Maria, eu não concordo com isso, com isso, com aquilo. Eu vou embora”. [riso]

C. C. – Mas críticas em relação ao trabalho?

M. L. – Não. Eram críticas em relação a... Eu achava que ele era um pouco explorado, assim, para falar assim.

C. C. – Pelo Cândido.

M. L. – É. Eu achava que ele merecia mais reconhecimento do que ele tinha. Ele tinha uma conexão... O pai dele era angolano... Era uma coisa muito interessante. A mulher dele [Isabel Nascimento] era negra. Tive contato com o movimento negro, nessa época. Foi muito rico. Muito rico. Mas eu era muito assim. Você imagina, uma pirralha chegar para a pessoa e dizer “eu acho que você tem que ter mais reconhecimento do seu chefe. Vou embora”. [riso] Se acha. Aí [ele foi fazendo assim para mim]. [riso] Enfim. Mas aí eu fui trabalhar na hemeroteca da Casa de Rui Barbosa, com a Solange Zuñiga.

C. C. – Mas antes aparece uma pesquisa na Rede Ferroviária Federal. Isso foi antes?

M. L. – Não. Isso foi... É. Foi durante. Foi durante. Isso foi um trabalho extra, enquanto eu era estagiária da hemeroteca da Casa de Rui Barbosa. Porque eu saí do curso de história contratada pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Um negócio raríssimo de acontecer.

C. C. – Contratada como pesquisadora.

M. L. – Como pesquisadora.

C. C. – Quer dizer, você já era estagiária antes.

M. L. – Eu já era estagiária.

C. C. – E na hemeroteca, você fazia o quê com os jornais?

M. L. – A gente tinha um grupo de estagiários... A gente organizava os arquivos de jornais da Casa de Rui e a gente tinha um grupo de estudo sobre história do Brasil. Foi uma época muito rica da gente, essa geração. Era um mundo muito... Tudo muito novo. E a Solange Zuñiga...

C. C. – E as pessoas eram contratadas recém-formadas.

M. L. – Recém formada. Não. Eu saí contratada, imagina, com curso de graduação. Eu saí contratada. Porque eu estava lá, e a Solange Zuñiga tinha conseguido tornar

aquela proposta da hemeroteca... foi a Solange Zuñiga, que com o contato que ela tinha... Eu, depois, posso até dizer o nome da pessoa, que é uma pessoa conhecida [Irapoã Cavalcanti], que trabalhava na Casa de Rui Barbosa, que conseguiram fazer aquele prediozinho, que, até hoje, é onde tem o setor de história. Foi para isso que eu fui contratada. A gente saiu da hemeroteca para esse lugar, para esse centro de história, onde o [Marcos] Veneu trabalha, o Antonio Herculano, essa turma toda. Só que aconteceu um problema, que foi: a Solange era nossa chefe, a Solange é que lutou por isso, e quando a coisa foi criada, obviamente, cortaram a cabeça da Solange, e o Américo Jacobina Lacombe pôs o Francisco de Assis Barbosa. A equipe ficou muito aborrecida, com problemas de lealdade, enfim. E aí, esse povo que era meu amigo da história, que era Maria Alice Rezende, Marco Antonio Pamplona, a Maria Helena Castro, e que tinha... A Maria Helena não. Maria Helena tinha vindo para cá, para o CPDOC. Mas a Maria Alice Rezende, Marco Antonio, José Guilherme, que foi casado com a Maria Alice Rezende, a Marieta [Moraes], mais tarde, aquele cara do príncipe Obá, meu Deus, o Eduardo... Silva, Eduardo Silva, eram meus colegas ali, dessa turma. A gente tinha a sensação que a gente estava criando essa coisa junto com a Solange. Então, foi muito rica minha graduação. Experiências assim... inclusive experiências profissionais, muito ricas. E essa [pesquisa] da Rede foi, que nem os cursos do Ricardo, foi especial, porque era um trabalho em que os horários eram loucos, era de noite, de madrugada. Porque tinha acabado de ter os quebra-quebras na Central do Brasil [Rede Ferroviária Federal], então o governo Geisel contratou uma firma francesa para fazer uma pesquisa, para remodelar os serviços da Rede, para atender melhor ao povão. Então foi um bando de gente das universidades. A garotada. Foi muito *legal*. E a gente ia para todas as estações da rede ferroviária do Rio de Janeiro. Então isso, para mim, foi um choque de realidade. Eu, menina do Posto Seis, fiz graduação na PUC, eu nunca tinha viajado muito –, eu tinha feito uma viagem de quinze anos para a Europa, assim –, e a gente foi para tudo: Austin, Engenho de Dentro, Mangueira... Todas [as estações ferroviárias]. Desde as mais distantes. Pegava os ramais da rede ferroviária e a gente ia.

C. C. – E fazia o quê, em termos de pesquisa?

M. L. – A gente... A pesquisa...

C. C. – A sua atividade.

M. L. – Nós, a garotada, a gente ficava perto das roletas, contando quantas pessoas tinha nos horários em que os trens chegavam e saiam. A gente fazia isso. Porque as roletas não tinham esse recurso. A gente fazia isso. Então, obviamente, não era uma coisa muito interessante. Mas, sabe o que é que eu fiz? Um diário de campo.

C. C. – Anotando o quê?

M. L. – Eu anotava tudo o que eu sentia, tudo que eu via. Esse diário de campo eu levei... - Eu estou falando, essa época da minha graduação foi um espetáculo - Porque aí, esse grupo de pessoas, tinha um pessoal, também, que trabalhava no [jornal / semanário] *Opinião*. Aí eu fiz esse diário de campo e mostrei o diário de campo para um colega, ele falou: “*Vam’bora* levar isso para ser publicado no *Opinião*”. Era assim. Aí eu fui lá com esse meu colega, que conhecia as pessoas que trabalhavam no *Opinião*, que era ali na [rua] Abade Ramos, era um jornal de oposição [à ditadura], e levei meu diário de campo. Eles publicaram meu diário de campo! Que se chamava *Os malabaristas da Central*. Que era bom, porque descrevia a vida daquele povão e os meus sentimentos vendo aquilo e descobrindo aquele mundo, que era [até então] inteiramente desconhecido. Acho que eu virei antropóloga ali. [riso]

C. C. – É. Logo depois, eu ia te perguntar aqui, no segundo semestre de 1977...

M. L. – Eu virei antropóloga ali. Sem saber o que é que era pesquisa de campo, sem saber o que é que era etnografia.

C. C. – Mas no segundo semestre de 1977 você faz o mestrado, a seleção.

M. L. – Eu fiz a seleção [para o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ].

C. C. – Que, naquela época, era o quê? Era entrevista? Ou já era aquele trabalhinho de pesquisa?

M. L. – Era pesquisa.

C. C. – Era pesquisa já.

M. L. – Era pesquisa.

C. C. – Eu já peguei a prova, já.

M. L. – Ah. Era muito bom pesquisa, porque eles davam dez [tópicos para escolher]... Aí, eu já queria ir para antropologia. Por quê? Porque o Ricardo Benzaquen tinha ido para lá, Ricardo era muito meu amigo e uma influência, uma interlocução intelectual poderosa, sempre foi...

C. C. – Fez o... *Os Gênios da Pelota*, que é o mestrado.

M. L. – É. Uma pessoa muito estimulante. Uma pessoa generosa. Qualquer conversa com ele, você saía enriquecido, qualquer assunto que fosse. Um grande amigo. E o Ricardo tinha ido para lá, e o Ovídio, com quem eu tinha me casado...

C. C. – Você se casou quando? Você conheceu ele onde?

M. L. – Eu me casei... Eu conheci na faculdade. A gente ficou... namoramos em... acho que foi em 1976. No último ano da faculdade. 1976.

C. C. – Ele era da mesma turma ou era mais adiantado?

M. L. – Ele era [um ano] mais velho. É. Ele estava mais adiantado. Mas a gente se formou juntos, porque a PUC tinha esse sistema de créditos. Ele, o Eduardo Schnoor... E eu estava casada com ele e ele tinha já ido também. Então, obviamente, eram duas influências grandes. E o Ovídio tinha ido para ser orientando do Gilberto [Velho]. Aliás, eu acho que o Ricardo... Não. Ricardo, eu não sei se foi do Roberto DaMatta ou do Gilberto. Agora, eu tenho dúvida. Eu nem conhecia ainda a Silvana [Miceli de Araújo]. Silvana, eu conheci depois. Eu era amiga do Ricardo.

C. C. – Mas aí, sorteavam um tema, e você tinha dez dias para fazer um trabalho. Era isso?

M. L. – Eles davam dez temas, você escolhia entre os dez. E eu escolhi *rico e pobre*.

C. C. – Aí tinha quanto tempo? Dez dias?

M. L. – Dez dias para fazer.

C. C. – Para fazer um trabalho.

M. L. – Aí eu fiz uma pesquisa. Meu pai me levou lá, para conversar com o mestre de obra dele, lá no centro da cidade. Deu uma entrevista genial. Eu fui conversar também com um outro colega de meu pai que era engenheiro, dono de empresa, também, deu outra entrevista genial. Porque era uma coisa assim, também, do ponto de vista... era bem contrastante. Aí passei. Estava muito nervosa. Porque eu queria muito entrar. Eu achava que era isso mesmo que eu queria. E era mesmo. Deu certo. Era mesmo o que eu queria. Aí, na banca, estava o Gilberto... E eu já tinha, nesse ínterim, eu tinha feito, para o Gilberto, a tradução do livro do Anthony e da Elizabeth Leeds.

C. C. – *Sociologia do Brasil Urbano*?

M. L. – *Sociologia do Brasil Urbano*. A primeira tradução é minha. Eu acho que eles retraduziram agora, o pessoal da Fiocruz. Mas a primeira tradução quem fez fui eu. Era menina. O Gilberto perguntou se eu queria, eu falei que queria. Eu fiz. E aí entrei. Na banca, era Gilberto, Lygia Sigaud e Francisca Keller. Obviamente, Gilberto e a Francisca estavam muito a meu favor, e a Lygia, nem tanto. A Lygia fez uma pergunta, eu lembro isso...

C. C. – A Lygia era durona.

M. L. – É. A Lygia era durona. Aí, ela perguntou assim: “Você, que está tão preocupada em contextualizar e relativizar tudo, como você relativiza a própria produção historiográfica?” Uma pergunta assim, para arrasar. [risos] Mas eu tinha acabado de ler – você acredita? Olha que sorte. O que eu tinha acabado de ler? Porque eu lia tudo. Lia tudo. Naquela época, as pessoas te davam as coisas, você lia. E eu tinha acabado de ler *O Campo Intelectual*, de Pierre Bourdieu.

C. C. – Nossa! Acertou na mosca. [risos]

M. L. – Aí ela não... não teve o que dizer. [risos] Não teve o que dizer. Mas foi engraçado, porque eu tinha acabado de ler. Eu falei, meu Deus, que sorte!

C. C. – Agora, o Ricardo e o Ovídio já tinham começado.

M. L. – Nunca foram meus colegas.

C. C. – Estavam um ano na frente.

M. L. – Estavam na frente. A gente nunca se cruzou lá, não.

C. C. – Mas aí, logo que você começou, a Joana...

M. L. – A minha turma era pequenininha. Ah não. E eu tinha muito nervoso, porque [quando] eu fiz a entrevista, eu estava com um barrigão de seis meses, aí morria de medo de eles não me deixarem entrar, porque iam me perguntar. Mas deixaram. E quando eu entrei, a Joana... Joana nasceu em outubro [de 1977], eu entrei em março [de 1978], a Joana já estava com uns cinco meses, quatro meses e pouco, e foi até muito bom, porque eu ficava muito em casa, estudei muito. Pedi licença da Casa de Rui, licença sem remuneração, porque eu tinha ganhado bolsa, e aí foi muito bom. Estudei muito no mestrado. Muito. Acho que eu virei antropóloga, mesmo, ali no mestrado, do ponto de vista de estudos. Estudei muito mais no mestrado do que no doutorado. Ficava muito em casa, juntava com a vida de cuidar de criança, ficava... Foi muito *legal*.

C. C. – Como era a experiência de maternidade no meio acadêmico, naquela época?

M. L. – Olha. Eu...

C. C. – A Priscila está fazendo o TCC dela sobre isso.

M. L. – Ah. Depois, a gente pode marcar uma entrevista, porque... Eu vou te falar o que que eu acho. O primeiro mestrado era quatro anos, então dava para, realmente, estudar dois anos. Isso era muito bom. E eu tive professores ótimos. Fiz os cursos do Gilberto [Velho], fiz dois cursos com Roberto DaMatta, fiz um curso com Otávio Velho, fiz dois cursos com Anthony Seeger, fiz um curso com Eduardo, meu primo. Então, eu tive professores [muito bons]... Uma bibliografia de primeira. Me apaixonei por aquilo. Então, assim, eu... Engraçado. Eu nunca... Eu era feminista, porque, quando eu entrei, eu fiquei amiga... Nessa época, eu fiquei feminista. Eu era amiga da Bruna Franchetto e da Maria Luiza Heilborn.

C. C. – Que organizaram aquela série de *Perspectivas Antropológicas da Mulher* [4 volumes]..

M. L. – A gente fez a *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, porque a gente fez um curso com a Lenny Silverstein sobre a antropologia da mulher. Então, assim, como é que era a maternidade? Na verdade, eram duas coisas que adorava. Eu adorava minha filha, adorava aquele bebê, adorei ser mãe. Eu nunca tive problema, não. Adorava. Adorava aquilo.

C. C. – Mas tinha uma dificuldade grande, pequena? Como era?

M. L. – Olha. Eu encarava tudo. Assim, eu queria muito aquilo, então estudava muito. E eu era feminista. E o feminismo dava muita leveza. O grupo feminista nosso era um grupo muito divertido, não era um grupo assim chato nem reivindicatório, mas era um grupo muito *legal*. A gente trocava receita, como é que faz não sei o quê. Aí uma fazia uma comida, outra fazia uma comida, nas reuniões. As reuniões eram muito engraçadas. A Janice Caiafa era desse grupo. O grupo chamava *contrainformação*, porque a gente achava que as coisas tinham que circular contra o que vinha na grande mídia. A gente se divertia muito nas reuniões. A Malu é que era a feminista mais séria, que tinha contato com o Coletivo de mulheres, com a Rosiska [Darcy].

C. C. – Madu já estava lá, Maria Dulce Gaspar?

M. L. – A Madu, ela não era do grupo. A Madu [então arqueóloga] era namorada da Malu. E as duas se uniram nesse período.

C. C. – Sim. Que fazia mestrado com o Gilberto. *Garotas de Programa*.

M. L. – É. Exatamente. Mas é engraçado, essas questões... A Bruna dizia que eu era, assim, uma esposa da Renascença. Porque eu era casada, tinha duas filhas, todo mundo era da pá virada...

C. C. – É. A bela recatada do lar (risos).

M. L. – É. E eu não tinha problema. Eu era amiga da Malu, era amiga da Madu. Eu tive uma educação muito liberal. Meu pai e minha mãe nunca julgaram ninguém, sabe, sempre foram muito liberais. Eu convivia com aquilo e tinha minhas próprias escolhas. Nunca foi um problema. O pessoal usava droga, nessa época. Imagina se hoje podia acontecer as coisas que aconteciam nessa época? Não. Daria muito problema.

– *Mas com relação às questões práticas? Quantas aulas tinham naquela época?*

M. L. – Eu fazia dois cursos por semestre. Eu tinha uma babá... Onde é que pegou para mim? Pegou o seguinte. Eu resolvi que eu ia fazer meu mestrado sobre espiritismo kardecista. E aí eu fiz todo o planejamento: vou fazer minha pesquisa de campo, meu bebê vai... já era minha segunda filha – meu bebê vai nascer, e aí eu vou escrever já com ela dentro de casa. Porque o trabalho acadêmico me ajudou muito, porque você tinha que estudar, e aí você podia estudar em casa. Você tinha que sair para as aulas, mas, dois cursos por semana...

C. C. – Dava para administrar.

M. L. – Dava para administrar. Eu tinha minha mãe, tinha minha sogra, tinha uma babá, tinha o Ovídio. Tinha apoio. E os horários eram [razoáveis]... Eu aproveitei muito, porque dava para sair quatro horas, e você voltava e estava lá, até amamentar. Dava.

C. C. – E devia ser ótimo, escapar um pouco...

M. L. – E era engraçado, era divertido. Tinha uma leveza. Tinha uma descoberta em tudo. Tinha uma coisa boa de descoberta nisso tudo. Ser mãe nunca foi um peso para mim. E, aliás, eu acho até que me ajudou muito. Mas eu falo disso daqui a pouco. Deixa eu só falar da Maria Clara. Porque eu fiz o meu plano; aí, o que é que aconteceu? Quando eu estava amiga dos espíritas, eu ia assistir a coisa que era fundamental eu assistir, que era sessão de desobsessão, que é o lugar onde, realmente, se entende as coisas, eles não deixaram eu ir, porque eu já estava com um barrigão; e eles disseram: “Olha, você não pode assistir sessão de desobsessão”. Eu falei: “Não. Mas eu posso.” – “Não. Mas não é por você, é pelo seu bebê. Porque são espíritos, violentos, com problemas, que baixam nas sessões...”

C. C. – E podiam afetar o bebê.

M. L. – Podia afetar o bebê. “Você já tem o seu livre-arbítrio. Você não é o problema. O problema é o seu bebê”. Aí, o que é que você vai fazer? Aí, isso foi... Isso aí, aí a maternidade foi um problema. [riso]

C. C. – Aí foi problema no campo, e não no museu.

M. L. – No campo. Não, no museu, foi problema nenhum.

C. C. – E não no mestrado.

M. L. – Aí, o que é que eu fiz? Eu tive que parar. Maria Clara nasceu [em novembro de 1980], eu esperei três meses, quando eu já estava mais podendo sair de novo. Atrasou. Atrasou. Aí eu fiz essa final do campo e ainda escrevi a dissertação. Mas aí já foi meio chato, porque o Ovídio já tinha escrito a dissertação dele e ele já estava meio desencontrado lá, depois que ele defendeu. E aí eu senti, comecei a sentir, o casamento já não estava bom, patati, patatá. Eu me sentia meio... que eu tinha dado muita força para ele escrever a dissertação, aí, quando eu estava escrevendo a minha, aquilo já não era mais importante. Mas enfim, escrevi. O Gilberto Velho foi da banca, o Gilberto convidou para publicar, porque ele gostou do resultado do trabalho. O Gilberto era um sujeito generoso, porque, no meio do caminho, eu tinha brigado com ele e tinha saído da orientação dele. [riso] E ido para o Tony [Anthony Seeger]..

C. C. – Ah. Você começou com o Gilberto.

M. L. – Comecei com Gilberto. Aí fui para o Tony.

C. C. – E brigou por quê? Pode falar?

M. L. – Posso. Gilberto era muito mandão.

C. C. – Bom. Foi meu orientador também. Eu conheço ele.

M. L. – Gilberto era muito mandão. Queria me controlar. E eu sempre tive horror que alguém me controlasse. Nunca ninguém me controlou, na vida. Vai alguém querer me controlar? Ele queria me controlar. Ele não deixava. Teve um dia que eu queria... Eu estudava religião, era amiga do pessoal da [revista] *Religião e Sociedade* [do ISER, Instituto Superior de Estudos da Religião] . Um dia, o Rubem [César] me chamou, com a Patrícia Birman, para fazer não sei o quê, ele quase teve um ataque de ciúme. Aí, eu queria fazer um curso... Eu adorava as coisas do [Roberto da] Matta. Eu sempre gostei muito de ritual. Gostava muito da antropologia do Gilberto mas gostava muito de ritual. E

ele quase teve um ataque, porque eu não ia fazer o curso com ele, ia fazer o curso com Roberto DaMatta.

C. C. – Ciúmes, então.

M. L. – Ah! Muito difícil. Ele melhorou muito. Quando vocês pegaram ele, ele já estava [mais compreensivo]... E ficou meu amigo, então está tudo bem. A gente sempre se pediu desculpas, sempre, continuamos amigos. Fomos grandes amigos. Mas eu era muito... Eu sempre fui muito independente, Celso. Eu sou quieta, mas eu sou muito independente.

C. C. – Mas você pediu para sair da orientação dele ou ele que?...

M. L. – Eu briguei com ele. Eu falei: ah, Gilberto... Não. Uma vez, ele me disse que era para eu sair. Eu falei: “Então tá bom, eu saio!”. Aí, ele se arrependeu, me ligou, disse para eu ficar. [riso] Eu devia ter saído, porque... Aí, depois, fui eu que falei: “Não, Gilberto, não vai dar”. Aí saí. Ele ficou meio chateado; mas também, depois, pediu desculpas. E eu fiquei com Tony, que era um amor, e eu fiquei em paz. Porque o Ovídio era orientando dele [Gilberto Velho], e já estava no doutorado, Ovídio já não estava muito bem, aí tinha as confusões do Ovídio com Gilberto, eu falei: é melhor eu me proteger. E fiz muito bem. E eu quero muito ser mestre. Se eu ficar muito dentro das confusões, eu não vou conseguir. E eu consegui. E o Tony me ajudou muito. Ele me acolheu muito. Tony me deu paz. Aí eu consegui fazer minha dissertação de mestrado. Mas Gilberto foi da minha banca.

C. C. – E publicou seu livro

M. L. – A gente sempre se pediu desculpas. Ele foi uma pessoa generosa, um grande amigo. Adoro a antropologia de Gilberto até hoje, mas ele era muito ciumento.

C. C. – Tinha as manias.

M. L. – E eu sempre gostei muito de ritual, de simbolismo, ritual. Era o Matta. Mas eu nunca quis ser orientanda do Matta. E ele mesmo já estava também indo para os Estados Unidos. Enfim. Matta era difícil, nessa época. Mas ficamos amigos. E eu defendi, e ele me convidou para...

C. C. - Publicar na Zahar a coleção.

M. L. – Publicar na Zahar, *O Mundo Invisível*. Foi muito bom. Reescrevi aquilo. Foi... O Museu, também, foi que nem a PUC, uma experiência...

C. C. – Eu reli recentemente *O Mundo Invisível*. [*O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção da pessoa no Espiritismo*. Zahar, 1983.].

M. L. – É? Você gostou?

C. C. – Eu me casei, a família da minha mulher é espírita, então eu disse: eu vou ler de novo Maria Laura, para... [riso]

M. L. – Você gostou?

C. C. – Gostei. Gostei muito.

M. L. – É *legal*, não é? É. Eu gosto até hoje daquele trabalho, também *O que é Espiritismo...*

C. C. – E tinha também o livrinho *Espiritismo*, da Brasilense. [Coleção] *Primeiros passos*.

M. L. – É. Eu adorei esse trabalho. Até hoje, eu gosto muito de antropologia da religião. Mas eu separei do Ovídio. E aí eu queria falar da maternidade. Quando eu separei do Ovídio...

C. C. – Nessa época?

M. L. – Nessa época. Eu separei... Olha. Eu publiquei o livro. Eu defendi em 1982, publiquei o livro em Quando eu publiquei o livro, eu já estava separada do Ovídio. Você acredita? Eu separei do Ovídio em maio de 1983. Porque Ovídio ficou muito desnorteadado, perdido.

C. C. – Com o quê? Com o livro?

M. L. – Não. Com a carreira dele, com a vida dele, não sabia [bem o que queria], Confusões. E aí eu acabei me separando dele. Obviamente, fiquei arrasada. Foi uma fase muito difícil da minha vida. E o Ovídio era muito amigo do Eduardo, Eduardinho, meu primo, Eduardinho frequentava muito a minha casa, Márcio Goldman, tinha um grupo de Lévi-Strauss, essa turma toda frequentava minha casa, tinha o Gilberto, tinha o Luís Fernando [Dias Duarte]; e quando eu separei...

C. C. – Eduardo foi assistente do Gilberto.

M. L. – Foi assistente do Gilberto. Então, aquela turma do Museu[Nacional], era dentro da minha casa. E eu tinha duas meninas. As minhas filhas, na verdade, me protegeram muito. Porque, assim, quando você tem um bebê, você tem um sentido do que é que tem valor nessa vida e você fica muito com o pé no chão, e essa turma, especialmente Eduardo, a turma do Márcio, e o próprio Ovídio – Ovídio sempre foi uma

pessoa muito pouco agressiva, muito cordial, muito inteligente – era todo mundo muito inteligente –, mas aquela turma era muito competitiva. Eu fui participar, alguns dias, desse grupo...

C. C. – O Ovídio que era muito cordial.

M. L. – Todo mundo inteligente. Ovídio era muito... Ovídio sempre foi muito pouco agressivo.

C. C. – Pouco agressivo, mas... competitivo era?...

M. L. – Nem tanto. Mas Eduardo e Márcio eram mais agressivos e muito competitivos. E isso era na minha casa. E eu fui participar... Era grupo de [leitura de] Lévi-Strauss, não sei que. Eu fui participar do grupo de Lévi-Strauss, nas duas primeiras reuniões, eu falei: “Ah. Estou fora dessa chatice. Ficar um querendo ser melhor que o outro. Estou fora”. Então, assim, as minhas filhas me ajudaram muito, porque eu nunca entrei em furada. Falei: ah. Vou ficar... Quem é mais inteligente aqui? Eu? Então... Tenho minhas filhas para cuidar. Estou falando isso assim de uma forma, assim, muito crua...

C. C. – Mas também fornecia um alibi, de alguma forma, para algumas coisas.

M. L. – Como assim?

C. C. – Não. O Gilberto ficava muito agoniado, às vezes, [quando se dizia] “a gente só vai poder chegar mais tarde, porque tem que pegar o filho no...” Isso, para ele, era... [riso]

M. L. – Ah. Mas você sabe que eu nunca tive problema com ele por causa disso?

C. C. – Não?

M. L. – Nunca tive. Acho que ele gostou muito das minhas filhas. Ele se afeiçoou muito às minhas filhas. E a minha filha mais velha, que virou fisioterapeuta, cuidou dele até ele morrer. Então, assim, teve um... uma história mesmo.

C. C. – A Joana?

M. L. – Uma história, mesmo, de amizade bem profunda. Mas para mim, quando eu separei, foi muito difícil, porque a minha vida de casada tinha sido muito dentro do Museu, e aí tudo aquilo ficou muito difícil para mim. Quase que eu larguei antropologia. Porque as pessoas... Aí as pessoas não têm ideia do que é uma mulher, sozinha, com duas filhas. Aí sim. Aí ficou muito difícil. Mas aconteceu uma coisa maravilhosa também, que foi o seguinte. Gilberto, que sempre se preocupou muito comigo, estava abrindo uma rede

de contatos lá com o Instituto Nacional do Folclore. Aí, começou essa vida que você viu ontem.

C. C. – É. Ele, praticamente, colonizou o Instituto.

M. L. – É. Ele me chamou. É. A Lélia estava querendo...

C. C. – A Lélia Coelho Frota.

M. L. – A Lélia Coelho Frota. Ou Gontijo Soares. Ela [usava os dois sobrenomes]...

E eu, quando eu terminei o mestrado, era diferente o mundo, eu não queria entrar no doutorado direto, queria me profissionalizar. E eu estava sozinha já, com as duas meninas, numa fase mais difícil, mesmo, para mim...

C. C. – Naquela época, também, fazer logo o doutorado não era uma coisa obrigatória para trabalhar.

M. L. – Não era comum.

C. C. – Você dava aula na Faculdade da Cidade, de antropologia.

M. L. – Dava aula na Faculdade da Cidade, tinha a Fernanda Bicalho, tinha o Luis Costa Lima... Eu cheguei a dar aula na Uerj, num curso, que, depois, virou o curso de ciências sociais da Uerj, com a Sandra Sá Carneiro, minha colega. Mas eu não quis ficar na Uerj porque eu tinha as meninas pequenas e o curso era de noite, então era muito [puxado]... Eu falava: ah, não, gente, não... Eu sair de casa às sete horas da noite e voltar às onze e meia... Era ruim para mim, eu não gostava. Não consegui.

C. C. – Mas antes de falar do Folclore, eu queria só perguntar um pouquinho mais sobre dois assuntos. Primeiro essa coleção, que você organizou com a Bruna e a Malu, *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, foram quatro volumes, entre 1980 e 1985. Como é que vocês organizavam, escolhiam os textos?

M. L. – Ah. Foi muito *legal*. Porque, assim, a gente...

C. C. – Antropologia e feminismo era uma novidade a discussão, no Brasil, principalmente.

M. L. – Uma novidade total. Teve esse curso da Lenny Silverstein, que era antropologia da mulher [no mestrado]. Embora a gente não acompanhasse a Lenny nas discussões, nós três éramos muito amigas, nós três estávamos nesse grupo de contrainformação, éramos feministas, tínhamos nossa própria comunicação, e eu tinha feito... Quando a Lenny acabou o curso, eu tinha lido, como trabalho de curso para a

Lenny, *O Segundo Sexo*, da Simone de Beauvoir. Eu li em francês, os dois volumes. E fiz um... A gente já tinha lido o Louis Dumont, então eu já tinha toda a crítica ao indivi...

C. C. – *Homo Hierachicus*.

M. L. - *Homo Hierachicus*, é. Então a gente... Eu fui aluna do Luiz Tarlei de Aragão, que trouxe o Dumont... Não. O mestrado no Museu foi, também, um espetáculo. A quantidade de coisas boas com que a gente teve contato nessa época. E tinha lido o *Homo Hierachicus* e a gente tinha essa crítica via individualismo moderno, criticava toda [a teoria] cultura e personalidade, porque não tinham a noção do indivíduo moderno, naturalizavam o indivíduo, não sei o quê, e eu fiz um trabalho que se chamava *Categoria Mulher em Simone de Beauvoir*. E era uma análise de como ela universalizava... Eu discutia lá o livro todo, mas a crítica era como é que ela universalizava a categoria mulher a partir da noção do indivíduo moderno e que, portanto, o feminismo não podia ser transposto sem mais para outras culturas e sociedades humanas. Era essa... Foi meu trabalho de curso, final. A Lenny não pensava da mesma maneira, não. Mas esse era... o Museu. Era o Museu. E aí, quando o curso acabou, o Gilberto propôs para a Zahar essa coleção *Perspectivas Antropológicas da Mulher* e nos convidou, a mim e a Bruna e a Malu, para dirigir. A Malu ficou muito amiga da família Zahar. A Malu era a mais safa, assim, expansiva, comunicativa. Eu sempre fui mais tímida. Muito amiga... A Cristina. Eu já conhecia muito... Eu fiz a revisão... Cristina é um *barato*. Cristina me ensinou a escrever português, porque eu fiz a revisão, a copidescagem do *O Mundo Invisível* com ela, assim, sentada s... Você imagina, hoje em dia, você sentar do lado do editor e eles fazerem a copidescagem junto com você.

C. C. – Um luxo.

M. L. – Uma aula de português. Então, muito *legal*. Experiências muito boas. Enfim. E aí o Gilberto levou a gente na Zahar. Teve um problema, porque, obviamente, a Lenny Silverstein morreu de ciúme e, depois, não queria falar comigo, com a Bruna, com a Malu.

C. C. – De vocês organizarem a coleção.

M. L. – É. Ela tinha influência na Fundação Ford, mas o Gilberto não queria ela. E a gente era muito imatura também. Não sei se, hoje em dia, eu teria lidado com a situação da mesma maneira. Mas a verdade é que a maneira de pensar era, de fato, diferente. E, enfim, aí ficamos eu, Bruna e Malu coordenando a coleção. Foi uma maravilha, porque

no primeiro número, o que abria... A primeira parte do nosso artigo é esse meu trabalho. Se você for pegar lá o primeiro artigo do... *Feminismo e Antropologia* - foi o meu trabalho de curso. E aí a Malu e a Bruna trabalharam com uma discussão de outras sociedades, que era Rosaldo e Rosaldo. Aquele artigo é muito *legal*. E tinha um trabalho de uma pessoa, de quem eu fiquei amiga, nessa época também, que era a Tania Salem. É um trabalho espetacular o da Tânia. O primeiro número... *Com a Venda nos Olhos*.

C. C. – *Casal Grávido*? Ah, não. Você está falando...

M. L. – Ela fez [mais tarde] o *Casal Grávido*. Mas ela tem [nesse primeiro volume da Coleção] um artigo chamado *Com a Venda nos Olhos*, que é um artigo *lindo*, sobre por que as mulheres faveladas da Rocinha, mesmo sendo pessoas fortíssimas, porque foram abandonadas pelos maridos, se autorepresentam como frágeis. Um artigo lindo. Acho emocionante esse artigo, até hoje. Então, foi muito bom. Muito bom. Mas aconteceu o seguinte... E assim foram todos os números. Foi uma coisa muito estimulante, muito *legal*. Aprendi muito. Até porque quem fechava o número com a Cristina era eu, que sempre fui muito...

C. C. – A Cristina Zahar.

M. L. – É. Eu sempre fui muito, assim, disciplinada. E gostava das coisas feitas, e gostava de português, então quem ia lá fazer copidescagem, fazer a revisão da apresentação e da introdução e da orelha, com a Cristina, era eu. Aprendi muito português, aprendi muito a escrever, aprendi muito com Dora, que na época trabalhava aqui também, que fez várias edições para a gente, para essa coleção. Dora é... Dora Flaksman – era uma editora... Aprendi muito a escrever, nessa época. Foi muito bom.

C. C. – Agora, Maria Laura, o tema da pesquisa, do espiritismo, surgiu como? Surgiu quando você ainda era orientanda do Gilberto? Ou não?

M. L. – Surgiu quando eu era orientanda do Gilberto. Ah não! Eu acho que sim... Deixa ver quando é que isso surgiu. Eu me lembro o seguinte. Eu gostava muito ...

C. C. – A Yvonne já tinha feito *Guerra de Orixá*.

M. L. – Yvonne já tinha escrito *Guerra de Orixá*, em 1975. Quando eu entrei, em 1977, ela já tinha feito. Eu gostava muito da antropologia da religião. Até hoje, *As Formas Elementares da Vida Religiosa* é tipo... que nem *Interpretação dos Sonhos*, para mim, um livro a que eu volto sempre. Acho que eu já li umas sete vezes aquilo.

C. C. – Seria o livro que mais te marcou, impressionou, se você tivesse que destacar um livro?

M. L. – Ah. Seriam dois. *Bruxaria, Oráculos e Magia*, do Evans-Pritchard, que eu acho que ali é que... Foi quando eu li aquilo que eu quis trabalhar com umbanda, macumba, feitiçaria, quando eu li *Bruxaria, Oráculos e Magia*.

C. C. – Mas você leu no Museu ou leu na PUC, ainda?

M. L. – Eu li no Museu. Eu li no primeiro ano do Museu, com Eduardo.

C. C. – O Eduardo traduziu. Ele que traduziu a primeira...

M. L. – Eu fiz um trabalho, mas o trabalho que eu fiz foi com o [livro] completo. O Eduardo estava traduzindo ainda, então a gente só tinha o completo, a versão completa. Eu fiz o trabalho de curso para o... Eu resolvi fazer um trabalho que fosse com simbolismo no curso de antropologia dois que eu tive com o Eduardo, que deu escola sociológica francesa e essa antropologia social inglesa, e eu escolhi... – é Mauss, essas coisas todas, Lévi-Strauss, Durkheim, e eu escolhi... Durkheim, eu tinha lido já com o Tony – e eu escolhi fazer o trabalho de curso sobre o Evans-Pritchard com os Azande. Aí foi ali que eu falei: vou fazer.... Era um dos últimos cursos. E aí, foi ali que eu falei: vou fazer uma pesquisa sobre alguma coisa disso. E eu queria umbanda; mas, Umbanda, já tinha muita gente trabalhando. Aí eu me lembro que eu conversei com Gilberto, e aí eu li um trabalho do Cândido Procópio, aí eu discordei do Procópio, porque eu achava que ele era evolucionista, e era mesmo, aí eu falei: ah, esse kardecismo aqui, ninguém nunca estudou – minha mãe tinha uma amiga kardecista – e aí foi, a antropologia da religião foi pelo espiritismo. Estranhamento.

C. C. – Era aquela visão tradicional de um contínuo, entre umbanda... até espiritismo [do Candido Procópio].

M. L. – É, contínuo. Mais consciente, menos consciente, mais racional, menos racional.

C. C. – Mas a sua família? Você mencionou que a sua mãe tinha uma...

M. L. – Família católica.

C. C. – A família era católica. Seu pai também?

M. L. – É. Com tio jesuíta. Meu pai, a família de meu pai podia ser católica culturalmente, mas meu pai teve educação leiga. Papai estudou no Mallet Soares. Eu nunca senti meu pai, assim, com uma fé religiosa. Ele também nunca falou sobre isso.

Claro que ele acompanhava minha mãe. Claro que o meio cultural é um meio cultural católico, o meio que eu cresci.

C. C. – Mas você não tinha contato com o espiritismo, antes de definir que seria...

M. L. – Eu tinha. Eu tinha. Porque eu me lembro... Eu morria... Primeiro, quando eu... Eu sempre fui uma criança muito impressionável. E, quando as freiras ensinavam catecismo, eu era criança ainda, eu tinha pânico do demônio. Achava uma coisa... Eu morria de medo do demônio. E morria de medo de brincadeira de copo d'água e morria de medo de correntes que se mexam e morria... Agora, é muito engraçado, porque eu ia para a missa e eu ficava louca para a santa falar comigo. [risos] Ficava olhando, assim, para ver se ela mexia, falava comigo. Aquela coisa de criança. Uma mistura de excitação e de medo.

C. C. – Mas os espíritos não.

M. L. – Mas eu morria de medo de demônio. Mas era o demônio, que eu tinha medo. Mas a minha mãe chegou a ter em casa um livro do frei Boaventura Kloppenburg, que era um livro, na época... o perigo do espiritismo para os católicos — que eu acho que era uma época... A Renata Menezes sabe direitinho qual é o nome desse livro.

*[*Espiritismo – Orientação para os Católicos*] Frei Boaventura Kloppenburg. É um cara que precava os católicos contra o espiritismo, que devia estar se difundindo muito nas camadas médias. Então tinha essa coisa, esse medo. Eu até fiz um artigo sobre isso, anos e anos depois, sobre etnografia... Fiz para o Gilberto e para a Karina [Kuschnir], um seminário sobre... Adorei fazer. Um seminário sobre...

C. C. – O Mediação?

M. L. – Duplas mediações. É.

C. C. – Ou Pesquisas Urbanas?

M. L. – É. Pesquisas Urbanas. Eu fiz *Etnografando o espiritismo e o carnaval carioca*. Que eu cheguei à conclusão que um dos motivos profundos da pesquisa com espiritismo era eu me haver com esse meu medo profundo. E aí foi muito *legal*, porque eu, realmente, perdi totalmente o medo dos espíritos.

C. C. – Mas o teu acesso foi?...

M. L. – Hoje em dia, eu falo com espíritos, [riso] sem problema. Tenho sonhos espíritas. É muito *legal*. Muito interessante.

C. C. – Você mencionou uma amiga de sua mãe que era espírita?

M. L. – É. Uma grande amiga da minha mãe, que era colega dela no Ministério do Trabalho. Jacyra. Era um amor de pessoa. Minha mãe tinha ficado muito impressionada porque essa grande amiga dela tinha tido problemas psicológicos muito graves, a ponto de tirar licença do trabalho, e ela tinha se curado. Estava completamente medicada... aquela coisa: muito remédio, muito remédio, inutilizada. E ela tinha retomado a vida no processo de se tornar espírita. Ela tinha se curado num centro espírita. Então, de alguma forma, isso deve ter... Eu sabia que minha mãe tinha essa amiga, e minha mãe tinha... Minha mãe era uma pessoa muito aberta. Católica mas muito aberta. E quando eu falei que eu queria pesquisar o espiritismo, ela falou: “Vou falar com a Jacyra”. Então eu tive uma entrada. A Jacyra me indicou um centro espírita. Eu fui entrevistá-la. Era um amor de pessoa, realmente, um amor. E ela tinha essa história, que era uma história muito forte de cura, de recuperação do equilíbrio, e ela me indicou um centro espírita, que me acolheu e onde eu fiz a pesquisa. Ele foi o centro da rede [de relações] que eu fiz a pesquisa; mas onde eu fiquei frequentando. Então... E foi... Adorei a pesquisa. Adorei. Eu escrevi sobre isso.

C. C. – Você defendeu em 1982 e o livro foi publicado em 1983.

M. L. – Em 1983. Eu defendi em agosto de 1982.

C. C. – E o livro saiu em 1983. Agora, Maria Laura, tem um artigo teu – *Ritual e Mundo do Samba*, no *Anuário Antropológico* de 1978, que é de 1980, na verdade. Então, nessa época que você fazia mestrado sobre o espiritismo, você já tinha interesse pelo samba, que depois...

M. L. – É. Mas, é engraçado, eu tinha interesse pelo ritual. Não tinha pelo samba.

C. C. – Mas como é que surgiu isso?

M. L. – O Gilberto. Porque... Uma coisa que eu acho que todo professor deve fazer: pedir aos alunos para fazer resenha. O pessoal do Museu fazia isso. O Gilberto me falou: “faz a resenha desse livro aqui”. Como ele me deu, também, a resenha do livro do Peter Fry, *Para inglês ver*. Eu fiz as duas. Fiz *Para inglês ver* e fiz *Ritual e mundo do samba*, *[*Escola de Samba, ritual e sociedade*], do José Sávio Leopoldi. Mas eu nunca tinha pensado em trabalhar carnaval. Eu queria trabalhar com religião. Tanto que, quando eu voltei para [fazer] o doutorado, eu fiz um projeto sobre umbanda; que eu tinha chegado a fazer um artigo, tinha investido, tinha feitos leituras; e aí fui com o [Instituto Nacional do] Folclore a Quissamã ...

C. C. – Pois é. Vamos passar para o folclore, que você falou já. O Gilberto...

M. L. – É. Mas a passagem para o folclore é que me levou para o carnaval.

C. C. – Mas no início era umbanda, que você ia estudar.

M. L. – Umbanda, religião, toda a discussão de simbolismo e ritual, para mim, ia pelo caminho da antropologia da religião.

C. C. – Isso é em 1983, que você entra lá no [Instituto Nacional do] Folclore.

M. L. – Isso, em 1983. Eu entrei no [Instituto Nacional do] Folclore em... Eu entrei no segundo semestre. Tanto... Olha. Eu entrei no Folclore no segundo semestre de 1983, com um projeto de pesquisa sobre umbanda.

C. C. – Você vai passar três anos...

M. L. – Nessa época a gente podia pedir bolsa de pesquisa para o CNPq tendo só mestrado. E eu fiz um projeto sobre umbanda e ganhei uma bolsa de pesquisa. E a instituição que acolhia era o Instituto Nacional do Folclore. Então, eu fiquei o segundo semestre de 1983 no Instituto Nacional do Folclore, com a pesquisa de umbanda mas já fazendo um monte de outras coisas lá, com a Lélia; e fui contratada em janeiro. Em primeiro de janeiro de 1984, eu já estava... Fui contratada [dia] 26 de dezembro de 1983. Então, em janeiro de 1984... Aí, quando eu entrei lá, Elizabeth Travassos já estava, Ana Heye já estava, Ricardo Lima já estava. E aí foi um grande momento na minha vida profissional.

C. C. – Depois veio a Lygia Segala... O Gilberto, de alguma forma, estava colonizando com antropólogos, lá. Ele indicava as pessoas.

M. L. – Ele estava; mas tinham outras pessoas. Mas o Gilberto era o Gilberto, então... E o Gilberto sempre soube escolher pessoas. Gilberto era uma pessoa muito sutil nisso. E havia também o Roberto DaMatta. Então tinha... O Luiz Felipe Baeta Neves chegou a ter algum contato. O próprio Arno Vogel e o [Marco Antonio] Mello chegaram a ter algum contato. Mas, por alguma razão, acho que a maneira... o Gilberto fazia as coisas de uma maneira mais... mais realista talvez, e aí as coisas funcionavam, as pessoas, realmente, ficavam em contato. As outras ficaram meio... A coisa não aconteceu. Não é porque ele só tivesse tomado conta, não. É porque eu acho que a maneira como ele estabeleceu o contato com a Lélia, foi uma maneira muito eficaz. O Matta tinha contato também, Luiz Felipe Baeta Neves tinha contato também, o Roque Laraia tinha contato

também. Então, assim, ele não chegou lá... [e disse] vou pegar. Foi a maneira que ele trabalhava.

C. C. – Era melhor mediador.

M. L. – É. Ele fazia mediações com muita firmeza, com uma qualidade, mesmo, de relação com a pessoa. Eu acho que era por isso, sabe, que ele conseguiu ter a influência que ele teve. E realmente, a Elizabeth Travassos, gente. A Elizabeth Travassos entrou para o Instituto Nacional do Folclore... Tinha o Aloysio [Aloysio de Alencar Pinto]. Tinha todo o acervo sonoro da Campanha de Defesa do Folclore [Brasileiro], que nunca tinha sido nem inventariado. Aí chega lá Elizabeth Travassos, recém mestre, uma pessoa com uma ... [excelente formação]. A gente tinha sido muito bem formados. Aí chega num lugar que está precisando que as pessoas trabalhem...

C. C. – Com um acervo riquíssimo.

M. L. – É a sopa no mel. A gente cresceu ali. Com uma pessoa, que era uma pessoa maravilhosa, na direção, uma mulher muito inteligente, a Lélia Gontijo, ela punha a gente no fogo: “se virem!”. Aí, (eu falo até no memorial) viramos adultos. Viramos adultos.

C. C. – Aí você passa, já com o mestrado e antes de começar o doutorado, uns três anos aí, 1984, 85, 86. Antes de começar...

M. L. – Tem uns três... Tem muitos anos. Não. Porque eu entrei em 1986.

C. C. – No doutorado.

M. L. – No doutorado. Mas, qual era o problema? Ninguém... Aí foi um problema. Maternidade, eu estava separada, outro momento de vida, trabalhava oito horas por dia, e nessa época, no [Instituto Nacional do] Folclore, ninguém liberava você para estudar, não, você fazia o curso e continuava tendo que trabalhar tudo que você trabalhava. Eu era coordenadora de pesquisa, no Instituto Nacional do Folclore.

C. C. – Aqui também. Eu fiz o mestrado em 1987-88, eu tinha dispensa para aula; para aula, e voltava. Fiz a tese à noite. E a pesquisa de campo era nas férias.

M. L. – É. E voltava e trabalhava. Exatamente. E eu tinha duas meninas pequenas e eu estava separada. Eu tinha toda... Aí sim, eu tinha uma *over*... O Ovídio estava muito biruta nessa época. Depois ele se equilibrou de novo.

C. C. – Mas vocês já estavam separados.

M. L. – Já estávamos separados, entendeu. Então, aí, a coisa ficou muito ... [difícil]. Aí, claro, tem que escolher por alguém, escolhe pelas filhas. Eu não podia parar de

trabalhar, trabalhava... Eram oito horas. Era com ponto o trabalho. Você tinha que assinar e assinar.

C. C. – Mas aí não era por ser mulher, por ser empregada quarenta horas, sem...

M. L. – Não. É. Não era por ser mulher. Era por ser mulher só por que o Ovídio foi muito irresponsável quando separou. [risos]

C.C – Era por ser mãe, também.

M. L. – Por ser mãe. Mas não é por ser mãe, porque a pessoa pode ser mãe de todas as maneiras. [riso] Eu falei: ainda bem que eu... Eu nunca achei isso um peso. As milhas filhas, ao contrário, as minhas filhas me deram muita força para fazer as coisas.

C. C. – As meninas ficavam com você, moravam com você.

M. L. – Ficavam, moravam comigo, ficavam comigo. A mãe do Ovídio me ajudou muito, a irmã do Ovídio me ajudou muito. O próprio Ovídio, depois, foi se equilibrando e [me ajudou também] ... Hoje em dia, a gente é amigo também. E foi professor da UFF. Ele retomou a carreira. Mas, enfim, a gente teve uma fase muito difícil.

C. C. – Você começou, fez... o quê? uns dois semestres, e trancou.

M. L. – É. Eu tive que trancar, porque eu fiquei doente, Celso. Fiquei doente. Eu não aguentava. Fiquei doente mesmo. Dei uma pifada. E eu falei não, não dá. Vou ter que trancar. E eu também... A coisa da onipotência. Eu achava que eu ia conseguir fazer uma pesquisa em Quissamã, eu achava que ia, aí comecei a não conseguir. Enfim. Aí tem que dar uma parada.

C. C. – Até que você falou do mestrado como um...

M. L. – Eu já tinha tido muita dificuldade com Gilberto na orientação, eu falei não, vou retomar de novo, vai que eu brigo de novo. E aí eu não tinha muita opção. O Peter, também, estava na Fundação Ford, E eu tinha escolhido o Peter, o Peter já estava meio desligado... Nunca estabeleceu uma relação mesmo. Eu estava meio órfã ali. Aí eu tranquei. Pensei em ir para São Paulo...

C. C. – Você começou já com Rubem César Fernandes?

M. L. – Não. Comecei com Peter Fry.

C. C. – Ah. Perdão. Sim. Com o Peter. O Rubem vai ser depois.

M. L. – É. Mas eu, para te falar a verdade, eu nem me lembro quem foi essa turma que eu entrei. Nem me lembro. Porque eu não... O ambiente do Museu, nessa época, era muito difícil para mim. Pisar lá era meio doloroso. Porque o mestrado tinha sido muito ali

dentro, o casamento... Uma vida. Tinha sido muito ali dentro. Emocionalmente, era muito difícil.

C. C. – Mas transformação por causa de você ou o Museu mesmo, em si, se transformou?...

M. L. – É. Mas o Museu era difícil, o ambiente do Museu era difícil, também.

C. C. – O Matta já tinha saído. Nessa época, 1986, se não me engano...

M. L. – O Matta já tinha saído, o Roberto DaMatta já tinha saído, o Peter estava lá mas estava meio saindo, o Eduardo e o Luiz Fernando eram muito amigos do Ovídio, isso ficava... era delicado para mim. O Gilberto era meu amigo e continuou me apoiando muito toda essa época; mas eu também não queria... Falei: ai, não, depois eu volto e brigo de novo. [riso] Eu achei que não... Eu tranquei.

C. C. – Você trancou mas continuou trabalhando no Folclore, ou pediu licença?

M. L. – Continuei trabalhando. Trabalhei no Folclore esse tempo todo.

C. C. – E lá, como é que foi, a pesquisa sobre umbanda passar para pesquisa sobre o samba?

M. L. – Não. Porque aí aconteceu o seguinte. Quando eu entrei em 1984, a Lélia... eu virei coordenadora do concurso Sílvio Romero [de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular], comecei a mexer na biblioteca [Biblioteca Amadeu Amaral], porque eu percebi que a gente não entendia nada do que é que eram aqueles estudos de folclore...

C. C. – Teve o Atlas de Cultura Popular.

M. L. – O Atlas. Me mandaram para Minas Gerais, porque tinha um *Pequeno Atlas de Cultura Popular*. Foi muito rico ali. E tinha os colegas, que eram pessoas muito legais. A Beth Travassos, Ana Heye, Ricardo Lima, a própria Lélia. Tinha essas coisas. A Lélia é uma poeta, uma artista, uma pessoa...

C. C. – Entrou, depois, também, a Marina Mello e Souza...

M. L. – Marina Mello e Souza. Mas tinha mais do que isso.

C. C. – Lygia Segala.

M. L. – Lygia Segala. Mas, sabe o que era? Nessa época, a Funarte, era a Funarte, ainda, do final da ditadura; a Funarte do final da ditadura era uma Funarte que tinha dinheiro e tinha...

C. C. – Amália Lucy [Geisel]...

M. L. – Amália estava lá como pesquisadora.

C. C. – Pesquisadora. E como era a relação com ela?

M. L. – Amália era uma pessoa ótima. Amália nunca atrapalhou a vida de ninguém, ficava na sua; depois, segurou a onda, numa época que, se não fosse ela... Amália sempre ficou na dela. Amália era uma pessoa muito... muito correta, muito na dela. E... assim, sabe, nunca... Ela me chamou, eu fui vice-diretora da Amália, na época que a Lélia saiu. Ela confiava muito em mim e na Lygia Segala também. Era uma pessoa muito correta; muito sofrida, muito marcada por ser filha de quem era; mas ela tinha um trabalho muito sério. Ela tinha um trabalho de levantamento do artesanato popular no Brasil. Viajava, tinha os livros. Então era uma coisa assim... Mas ela ficava na dela. E a gente era o grupo novo. Então, Amália era Amália, nós éramos o grupo novo. Mas, o que é que eu queria dizer?

C. C. – Gilberto se relacionava bem com Amália, também.

M. L. – Se relacionava muito bem. Uma pessoa muito normal. Muito sofrida, com história de vida muito dura; muito discriminada. Enfim. A antropologia ajuda a gente nessas coisas, para essa sensibilidade para as muitas possibilidades da discriminação, dos pré-juízos. E isso foi bom. A gente sempre se [respeitou]... Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Não pode julgar as pessoas.

C. C. – Ela tem uma perspectiva, assim, em relação à história, à memória, muito forte. Tanto que ela doou o arquivo do pai para cá, a entrevista, livros, doou objetos para os museus.

M. L. – É. Ela fez... Gente, ela era amiga da Elizabeth von der Weid, ela ajudou a salvar o irmão da Elizabeth, na época da ditadura. Amália era amiga da Solange Zuñiga, que foi minha diretora lá na Casa de Rui. Era uma pessoa de esquerda, e Amália foi amiga delas a vida inteira. Amália é uma pessoa complexa. Gilberto sacava essas coisas, não é, Celso? Gilberto sacava essas coisas. Mas o que é que eu estou querendo falar, que eu acho que é importante. A Funarte, nessa época, era uma Funarte muito importante. Você tinha o Instituto Nacional de Música, o Instituto Nacional de Artes Plásticas, o Instituto Nacional de Fotografia – a área de fotografia estava sendo construída no Brasil. Impressionante.

C. C. – Tanto que eles começaram a fazer manuais de preservação, de organização...

M. L. – É. Manuais de preservação, manuais de organização. A Funarte tinha o Inacen, que era toda a área de teatro e circo. Então, você entrar para o Instituto Nacional de Folclore em 1984 era você ter contato com artistas, músicos, com o pessoal de teatro, com o Érico de Freitas (que criou e organizava a Sala Funarte Sidney Miller), com Edino Krieger, com Iole de Freitas, Então, era um meio ... [cultural riquíssimo], assim: a gente fazia aula de coral com o pessoal do INM (Instituto Nacional de Música), na hora do almoço. Saía...

C. C. – O Luís Rodolfo já estava lá?

M. L. – Luís Rodolfo não. Era eu, Lygia...

C. C. – Porque ele fazia coral.

M. L. – É. Ele fazia coral. Era eu e Lygia e umas colegas de outras seções... a secretária. A gente saía correndo...

C. C. – A Silvana Miceli? Que era mulher do...

M. L. – Silvana... Não [participou em 1987 do Projeto dos Estudos de Folclore, apoiado pela FINEP]. Aí, assim, aí eu tinha os meus trabalhos lá. E... Mas, o que é que eu ia falar? Logo que eu entrei em janeiro, no mês de fevereiro... A Lélia era assim: “vai!”. Vai. Ela me mandou ir para um barracão de escola de samba. E aí foi engraçado, porque eu tinha a experiência da Central do Brasil, fui para o barracão de escola de samba, o que é que eu fiz? Eu fiz a mesma coisa que eu tinha feito na Central do Brasil. Eu fiz um diário. Eu fiquei quinze dias. Era a quinze dias do carnaval. Obviamente, eu adorei aquilo...

C. C. – Qual era a escola?

M. L. – Era União da Ilha do Governador. Eu adorei aquilo, até porque eu não precisava ficar dentro da instituição oito horas por dia. Fiquei indo no barracão e indo nas alas e conversando... eram as mulheres que costuravam as coisas... Adorei aquela farra. Adorei. E fiz um diário. E a Lélia me pediu um relatório. Eu fiz o relatório. E a Lélia falou: “vamos publicar”. Eu falei: oba! Eu sempre gostei muito de escrever. Vamos publicar. E aí foi muito interessante, porque a Lélia mandou o artigo para a *Revista do Patrimônio*, e a *Revista do Patrimônio*, nessa época, 1984, (o artigo saiu em 1985) – em 1984 não tinha patrimônio cultural imaterial não –, então as pessoas do Patrimônio se opuseram à publicação de um artigo sobre o carnaval, porque aquilo não era cultura. E a Lélia brigou para o artigo sair. Foi muito interessante.

C. C. – Agora, lembrando. O Gilberto, no Patrimônio, ele vai fazer o relatório para reconhecimento lá da Casa Branca, do primeiro terreiro. É um marco.

M. L. – O Gilberto, ele publicou o [artigo sobre o] terreiro. Exatamente. Não é à toa que... A Casa Branca. Exatamente. [*Falam concomitantemente*] Isso foi abrindo.

C. C. – Quase perde a votação lá.

M. L. – Quase perde a votação. A publicação desse meu artigo, a Lélia peitou. E aí, eu tinha adorado o carnaval. Aí, desde essa época... embora... as coisas não são assim muito conscientes, às vezes –, mas eu fiquei com muita vontade de pesquisar um ciclo inteiro de um carnaval. Fiquei com muita vontade. Mas eu estava com a cabeça na umbanda, umbanda, umbanda. Até que não pôde ser...

C. C. – Obsessão.

M. L. – Obsessão. Obsessão. É. Nos espíritos. Aí Aconteceu o seguinte...

C. C. – Mas umbanda, você chegou a fazer campo?

M. L. – Eu cheguei a fazer campo. Eu fiz um artiguinho. Adorei. O cara me viu, falou: “Você...” Você acredita? O pai de santo... Eu fiz um artigo sobre umbanda e jongo em Quissamã. A gente fazia campo. Fui lá, fiz campo. E era uma situação genial, porque aquilo ali é uma área Bantu, eram os bantus que eu queria –, esse pessoal mais caótico, mais desorganizado, na macumba, era isso que eu queria, eu queria essa confusão; e lá tem fazendas, até hoje, tem fazendas lindas, a área canavieira; ali chegava navio negreiro de contrabando, porque ali é uma costa –, inclusive, muito perigosa, com muito naufrágio, ali, naquela região – mas ali chegaram, chegaram muitos negros ali. E uma das fazendas que a gente foi ainda tinha senzalas. E as pessoas que moravam nas senzalas eram descendentes dos escravos que tinham morado nas senzalas; e a sessão de umbanda era na senzala. Você imagina. Eu fiquei... muito interessada. Mas aí tinha um outro pai de santo também, que – esse era mais perto da cidade – que convidou a gente para fazer sessões. Você acredita que o cara, na hora que ele olha para mim, ele fala: “eu acho que não é a hora de você fazer esse trabalho”. Eu fiquei... [risos] Além de ter me dito de quem que eu era...

C. C. – Do nada?

M. L. – Do nada. Além de ter me dito de quem que eu era filha [de santo]. “Você é isso e isso”.

C. C. – Filha de quê você é?

M. L. – Eu sou de... Como é que é? Iemanjá e Ogum. Iemanjá e Ogum. É. Eu acho que é por aí. Ele que me disse. E jogou búzios para mim. Mas ele falou isso antes. Ele falou: “Eu acho que não é a hora de você fazer esse trabalho. Esse trabalho, não está na hora de você fazer ele”. Tinha toda razão, porque não consegui fazer mesmo. É impressionante. Esses caras são muito sensíveis. É impressionante.

C. C. – Uma vez, também, um falou para mim que eu era filho de Ogum, também. Aliás, dois.

M. L. – É? Mas você é só Ogum.

C. C. – É.

M. L. – Eu sou Iemanjá e Ogum.

C. C. – Mas só mudando de...

M. L. – Mas, muito impressionante. Mas eu estava siderada com umbanda. Mas aí o carnaval começou a chegar muito perto, porque começaram a me convidar para... Eu fui convidada, quando eu estava com o doutorado trancado, me convidaram para ser júri de enredo, no ano de centenário da abolição [1988]. Olha que...

C. C. – E como foi a experiência de ser júri?

M. L. – Ah. Foi maravilhosa. A Lélia...

C. C. – Às vezes, sai confusão.

M. L. – Não. A Lélia, depois que eu tinha feito esse artigo do carnaval, todo ano que tinha coisa de carnaval, ela me mandava para o carnaval. A gente fez um vídeo. Aí todo ano que tinha coisa de carnaval, eu ia fazer uma coisa de carnaval. A Sala do Artista Popular. Eu ia. A Maria Augusta Rodrigues, que era carnavalesca, tinha contato com o INF que era muito vivo também. Aí eu ia também. Aí a gente fez um vídeo, com o Senai, sobre os bastidores do carnaval, com base no meu artigo. Aí, eu fiquei conhecendo o pessoal do carnaval. Paulino Braga, Maria Augusta Rodrigues. Aí, um dia, Maria Augusta me indicou para jurada, me convidaram. E nessa mesma ocasião, a Heloisa Buarque [CIEC/UFRJ] estava coordenando um projeto para documentar as comemorações do centenário da abolição e me chamou para fazer a parte de cultura popular. Aí eu falei: poxa, eu vou... E eu já ia ser jurada. Falei: vou cobrir a comemoração do... e era jurada de enredo. Eu fiz uma pesquisa sobre os enredos, sobre a questão racial e com campo, com a minha experiência de jurada também... Eu tinha tudo, o material na minha mão. Aí o carnaval chegou perto demais. Mas quem... Quem foi

que?... Aí eu conversei muito com Ricardo Benzaquen. Foi o Ricardo, [com] quem eu conversei, um dia, [que] falou: “Eu já sei quem é que vai te orientar. É o Rubem César”.

C. C. – Isso, antes de reabrir... Quer dizer, você reabriu em... no segundo semestre de 1989.

M. L. – Antes de reabrir. Em 1989. Foi Ricardinho. Grandes amigos. Eu tive uma conversa com o Gilberto, que foi muito boa, o Gilberto falou: “Não, eu acho que esse negócio de antropologia é... é uma coisa que é sua, você não deve abandonar”. Foi bom ouvir isso dele.

C. C. – Ele tinha publicado *O Palácio do Samba*, da Maria Julia Goldwasser.

M. L. – Da Maria Julia Goldwasser. Um livraço, um livro muito bom. Então, o Gilberto tinha dado essa força, o Ricardo tinha sentado comigo e resolvido quem ia ser meu orientador, que era o Rubem César... Foi perfeito!

C. C. – Seus mentores.

M. L. – Meus mentores intelectuais. E o Rubem era um amor. Aí, quando eu cheguei para [conversar com] o Rubem, eu já tinha a ideia de fazer a pesquisa que foi a minha pesquisa [do carnaval], porque aí eu já estava mais razoável. Eu falei: eu tenho duas filhas; eu tenho que fazer uma pesquisa na minha própria cidade; essa pesquisa, eu vou juntar antropologia urbana e rituais; eu estou no Rio de Janeiro, eu posso ir e voltar, essa pesquisa eu vou fazer.

C. C. – Você não tinha mais crédito para fazer de curso. Você já tinha feito.

M. L. – Não. Eu tinha [ainda créditos por fazer]. E aí foi muito bom. Foi um pouco... Até eu falei um pouco disso ontem [o dia anterior foi colóquio Folclore e Ciências Sociais: homenagem a Luis Rodolfo da Paixão Vilhena, realizado na PUC/RJ]. Quando eu retomei, qual foi a minha sorte, também? Quem que eu encontrei, no segundo semestre de 1989? Hermano [Vianna], Luis Rodolfo, Márnio Teixeira Pinto, Sérgio Carrara... Aí eu...

C. C. – Era a sua turma do retorno?

M. L. – Aí, eu tive uma turma de doutorado. Até hoje... É um pessoal mais novo que eu, mas que viraram meus grandes colegas. E aí foi.

C. C. – Eu entrei no doutorado em 1990. Vocês estavam já um pouco adiante.

M. L. – É. Aí eu achei uma turma. Marco Antonio Gonçalves. Umas pessoas muito *legais*, uns meninos assim... Eu era mais velha, mas poucos anos mais velha, e aí a coisa

engrenou. Gostei muito deles. E o Rubem dava força. Rubem dava força para tudo. “Vai dar certo. Vai dar certo”.

C. C. – Mas aí você muda da Ilha para a Mocidade Independente de Padre Miguel. Por quê?

M. L. – Porque eu sabia que ... Para você entrar dentro do carnaval, você... Essa coisa que a gente ... [aprende]. É que nem no centro espírita. As pessoas tinham que gostar de mim e tinham que me dar acesso. Tinha que confiar em mim. Não é nem gostar de mim. E no carnaval, eu fui jurada de decoração, um ano, também. E, nesse concurso de jurada... de decoração da cidade, eu conheci a Lilian Rabelo. A Lilian Rabelo estava casada com Renato Lage [carnavalescos]. Ela tinha sido campeã pela Mocidade Independente de Padre Miguel, ela e o Renato Lage [em 1991]. Eu falei com ela que eu tinha essa ideia, a Lilian falou “eu topo”. A Lilian tinha muita noção do valor cultural do fabrico do carnaval. E aí eu falei com ela que eu iria fazer a pesquisa aonde ela fosse contratada. E ela foi contratada na Mocidade Independente. Eu queria o Salgueiro. Eu tinha lido tudo sobre o Salgueiro, por causa da questão racial, que eu tinha trabalhado antes. O Salgueiro é um marco nisso, na abordagem, na modificação da questão racial, então eu queria o Salgueiro, porque ali era relevante para essa modificação da visão do afro. E muito relevante. Eu tinha lido tudo sobre o Salgueiro. Mas o Salgueiro, na época, estava com o Maninho... estava com o Miro [banqueiro de jogo do bicho], pai do Maninho, e o Salgueiro era muito violento, tinha facções internas, as pessoas me falaram “não vá para o Salgueiro, porque está muito perigoso”. E aí tinha a Lilian, e a Lilian foi para a Mocidade Independente. A Mocidade independente, por que ela não era perigosa? Porque ela tinha um patrono que tinha controle total sobre a vida da escola, que era o Castor de Andrade [banqueiro de jogo do bicho]. Aí a Lilian e o Renato me apresentaram ao Paulinho de Andrade e o Paulinho de Andrade autorizou a minha pesquisa. E aí teve uma outra sorte. Sorte assim, você pega um limão e faz uma limonada. Porque, assim, foi o governo Collor, que foi aquela coisa horrível, interveio na área da cultura, eu quase fui demitida, foi horrível, foi um trauma, mas eu não fui demitida. Isso é outra história. Gilberto ajudou muito, também, nessa articulação [que preservou o Instituto Nacional de Folclore].

C. C. – Foi um desmonte de várias instituições, muito rápido.

M. L. – Foi. A Funarte acabou ali. A Funarte, que era esse mundo tão rico, que eu cheguei a conhecer, acabou ali. Foi destruída. O Folclore não foi destruído porque tinha acervo e porque tínhamos nós lá dentro. E teve o apoio da área acadêmica, que foi muito importante. Anpocs, ABA, SBPC. Aí a coisa contou. Realmente, foi um momento de [resistência]. E tinha Amália Geisel. Nesse momento, Amália Geisel foi muito... foi um para-choque assim, sabe, para...

C. C. – Proteger.

M. L. – Juntou tudo. É. Proteger. Foi muito importante. Tinha o Mário Brockmann Machado, que era também filho de militares, então tinha um contato...

C. C. – Mas o Mário estava na Finep, ou na Casa de Rui?

M. L. – Mário estava na... Não. Mário [nessa época] foi para o Ibac [Instituto Brasileiro de Arte e Cultura que depois voltou a se chamar Funarte], para o que foi criado depois do desmonte. Mário veio depois do interventor, então o Mário ajudou muito ali; ajudou muito a proteger, a blindar o Instituto Nacional do Folclore do desmonte da área. A Funarte acabou ali. Mas nessa hora, eu já estava no doutorado, já estava com a pesquisa do carnaval, e o que é que aconteceu, em 1990/1991. Em 1990 foi aquele trauma. Em 1991, ninguém tinha nada para fazer. Não tinha verba, não tinha dinheiro, não tinha nada. Eu não tinha trabalho. Tudo que era um problema para mim nos outros anos, que eram oito horas de trabalho, curso, morre de exaustão, fica doente, ali não era. O Instituto Nacional de Fotografia tinha sido desmontado, alguns fotógrafos tinham vindo trabalhar no INF, no Instituto Nacional Folclore, que sobrevivia. Aí tinha um fotógrafo que já tinha trabalhado comigo. Ele morria de medo das sessões de umbanda [lá em Quissamã] [risos]. Ele falava: “Exu eu não fotografo”. [riso] Ele morria de medo. Mas ele gostava... O Décio Daniel. Ficamos amigos.

C. C. – Mas gostava do carnaval.

M. L. – Gostava do carnaval. E ele não tinha nada para fazer. Aí eu propus uma pesquisa, lá dentro do Folclore, para a gente coletar acervo e fazer um registro fotográfico de todo o ciclo preparatório da escola de samba. E aí eu fiz meu doutorado. Na paz. Porque ninguém me pediu para fazer mais nada, porque não tinha mais nada para fazer. [risos] Aproveitei assim...

C. C. – Só um parêntese. Você falou meio brincando mas várias vezes, não só do teu medo com os espíritos, mas de outras pessoas também, que nem o fotógrafo e tal. O

Gilberto escreveu em algum texto, que ele achava que a crença em espírito era uma coisa disseminada na sociedade brasileira.

M. L. – Na sociedade brasileira, totalmente.

C. C. – Você concorda com isso.

M. L. – Concordo totalmente.

C. C. – Mesmo a pessoa sendo intelectualizada, agnóstica...

M. L. – Poxa. A Yvonne e o Peter, quando eu entrei para o IFCS, acho que até hoje, toda sexta feira, eles usam branco. Toda sexta-feira, eles usam branco. A pesquisa do espiritismo, eu gostei demais da pesquisa com o espiritismo. O que é que aconteceu? Minha carreira teve um... momento em que as minhas filhas foram prioritárias. Eu fui convidada, logo que eu defendi a dissertação... Depois, eu pude... Anos depois é que eu voltei... Eu fiz o livro e eu esqueci, eu larguei o livro. Porque aí a minha vida se complicou muito. Eu pude recobrar o livro, reintegrar, depois que eu já tinha... depois do carnaval, que aí eu falei deixa eu buscar essa pesquisa e o valor dela para mim. Mas quando eu publiquei o livro, aquele cara, François Laplantine, me convidou para ir para a França, para fazer uma pesquisa sobre o espiritismo francês. E ele queria, me ofereceram uma estadia de quatro a seis meses na França, não sei o que. Mas eu estava... estava... Eu tinha acabado de separar, estava com as minhas filhas, eu falei: “Não posso, não posso largar minhas filhas; eu não tenho condições, nesse momento”. Enfim... Aí eu disse que não. Então, o espiritismo, durante muito tempo, ficou junto com essa coisa toda que eu tinha dificuldade de mexer.

C. C. – Mas teve repercussão? Você teve alguma interação posterior ao livro, à tese de mestrado, com seus nativos espíritas?

M. L. – Tive. O Deolindo Amorim. Eu levei o livro para eles. O Deolindo... Eu tenho até hoje. Eu tenho vontade, se eu reeditar algum dia, eu ponho esse material. O Deolindo Amorim me mandou uma carta, comentando o meu livro, dizendo que eu estava ... Poxa. Ele gostava. Porque os espíritos se identificaram com meu livro, porque meu livro dizia que era um sistema religioso diferente da umbanda; embora interagisse com ela, não era um contínuo, era um sistema religioso. Eu acho que foi o primeiro livro sobre espiritismo, acadêmico. Não tinha nada. Não tinha nada.

C. C. – Mas ele gostou o quê? Pela seriedade?

M. L. – Ele gostou porque eu dizia como eles eram uma religião, articulada, coerente, como tinha os intelectuais, como tinha... sabe esses aspectos? – o estudo, a valorização do livre arbítrio. Então, eles gostam do meu livro, os espíritas. Tanto que, é até engraçado, às vezes, tem espíritas, um grupo de ciência espírita que me chama para ir. Não é exatamente *isso*. Mas eles incorporaram meu livro. Eles aceitam bem meu livro.

C. C. – É. Por mais que eles digam que não são de rituais, não tem ritual.

M. L. – Não. Era... Aí o Deolindo escrevia para mim: “Mas puxa vida! Eu te falei a pesquisa inteira que isso aqui não é ritual. Como é que você diz que tem ritual?!” Aí eu expliquei para ele: “Olha, professor...” Eu fui lá na casa dele. “Professor Deolindo, é que a gente qualifica ritual de uma maneira diferente. Não é a mesma coisa”. Mas, essa parte, ele não gostou.

C. C. – É o que eles se separam muito de outras religiões.

M. L. – É. Então eles não têm ritual.

C. C. – É. Eu discuto isso, às vezes, também.

M. L. – Mas para a gente eles têm ritual. Pode ser em volta de uma mesa, só com um relógio...

C. C. – É. A luz que acende...

M. L. – Mas uma luz que apaga, uma luzinha azul, o espírito que baixa, é o cara que entra em transe... Enfim. Eu chamava isso de ritual. Eu aprendi, eu fiz curso de médium, eu sei dar passe.

C. C. – Ah, que bom. Você pode terminar a entrevista.

M. L. – É. Posso dar uns passes. Mas eu gostei demais dessa pesquisa. Mas ela ficou... A pesquisa que me pegou num outro momento foi a do carnaval, que aí eu entrei para o IFCS [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais], aí pude orientar aluno... Aí teve outra dimensão. Outra dimensão. Porque você tem os cursos, os alunos, o mestrado, o doutorado. Aí foi... Cresceu muito tudo.

C. C. – Você falou de um momento aí, 1982...

M. L. – Universidade. Universidade da liberdade, então. Foi bom.

C. C. – Em 1982, você terminou o mestrado, e aí tem a separação, tem essas coisas todas. Agora, dez anos depois, tem um ano, também, de muita mudança, porque você defende o doutorado em abril de 1993 e em 1994 você já está como professora da UFRJ, saiu do Folclore, porque era dedicação exclusiva, casou com Edmar...

M. L. – É (risos).

C. C. - Edmar Bacha. Então, foi muita coisa nesse 1993 para 94. Dez anos depois, você teve uma...

M. L. – É. Na verdade, a mudança começou em 1989, quando eu reabri meu doutorado. Na verdade, eu comecei a me reestruturar, assim mais profundamente, quando eu decidi reabrir o doutorado. Isso me fez muito bem. Muito bem. Eu sempre gostei muito de estudar. Voltei a estudar, encontrei colegas.. Achei engraçado. Eu sou uma pessoa muito coletiva, assim, eu gosto muito da interação. Eu sempre... Tanto que esses ambientes todos... Por exemplo, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Nossa! Conheci aquelas colegas. Quanta coisa eu ganhei. O pessoal da Casa de Rui. Eu gosto de trabalhar junto.

C. C. – As feministas.

M. L. – É. As feministas. Eu gosto de grupo. Eu gosto de trabalho de equipe, sempre gostei muito. A coleção *Perspectivas da Mulher*, trabalhar com a Bruna e com a Malu. Eu gosto de trabalhar junto. Com Luís Rodolfo, lá no Folclore. Eu gosto de parceria. Sempre gostei muito. E aí eu fiquei muito isolada. Porque no Folclore era assim... No Folclore, a gente era... nós éramos o *top* de pesquisa. E eu sabia que tinha mais. Que eu precisava fazer um doutorado, precisava crescer, para continuar a crescer intelectualmente. No Folclore, na Funarte, a pessoa chamava pesquisa qualquer coisa. Você vai num jornal levantar vinte artigos. Aquilo era uma pesquisa. E era uma luta, dentro do Folclore, para... Eu lutei muito. Eu virei coordenadora de pesquisa, por causa da pesquisa dos estudos de folclore, porque eu queria que a instituição se abrisse para essa pesquisa de resultados mais a médio e longo prazo. E a cobrança eram pesquisas com resultado muito curto.

C. C. – Foi essa pesquisa que o Luis Rodolfo, depois, vai...

M. L. – Foi a pesquisa que o Luís Rodolfo entrou [O lugar dos estudos de folclore na constituição das ciências sociais, apoiada pela FINEP, iniciada em 1986].

C. C. - ... tomar como doutorado.

M. L. – Eu lutei muito para criar um espaço de pesquisa, porque a gente tinha gente qualificada para isso. Porque as pesquisas eram muito... E aí a gente fez uma coordenadoria de estudos e pesquisas, para poder embasar com mais profundidade a própria atuação institucional. Aí que... Foi muito *legal*. Mas era muito difícil, porque eu

gastava muito tempo convencendo as pessoas de que esse tipo de pesquisa era uma pesquisa importante. Era muito desgastante, porque você tinha que brigar muito e convencer muita gente, persuadir muita gente. Então, quando chegava na hora de você fazer a pesquisa, você já estava exausto. E você não tinha liberdade, porque você tinha que pedir o tempo todo licença – para sair, licença para fazer aquilo, licença... É tudo que... Então, quando eu entrei na universidade – nossa! – eu cheguei no lugar que eu queria estar, porque lá ninguém te pergunta o que você vai fazer, e você faz. É ótimo. Você vira dono de você mesmo.

C. C. – Abriu concurso foi em meados de 1993. Você tinha acabado de defender o doutorado quando abriu o concurso.

M. L. – Eu tinha acabado de defender o doutorado. Não. Foi uma loucura. Porque o meu prazo era agosto, mas nesse tempo eu já estava... O carnaval me trouxe muitas coisas boas. O livro foi super bem recebido pelo meio, me trouxe um monte de aluno bom, e me trouxe muitas amizades também. Uma delas foi a Filipina Chinelli, que nunca escreveu, mas que era uma grande pesquisadora. Pesquisava muito bem. E a Filipina adorava carnaval. E ela estava trabalhando no IFCS. Tinha um núcleo de... Núcleo de Sociologia da Cultura, e ela me chamou. Porque a Gláucia e a Filipina conheceram aquele meu artigo dos bastidores [do carnaval, na *Revista do Patrimônio*]. E lá para 1986, 87, elas fizeram um seminário de *Carnaval – criação e análise*, que foi um seminário... Primeira vez que eu pisei no IFCS, foi nesse seminário. Nunca tinha entrado no IFCS. E esse seminário foi o máximo, porque juntava intelectuais e carnavalescos. Maria Isaura [Pereira de Queiroz]... Foi muito bom. E a Filipina e eu ficamos amigas. E a Filipina já tinha me chamado para fazer [palestra no IFCS].. A gente começou a fazer coisas juntas. Essa coisa que eu falei, que eu gosto de dividir coisas e tal, a gente ia junto para Bangu, ia junto... [risos] E a Filipina é um talento. Todo mundo fala as coisas para ela, mesmo sem ela perguntar. Uma figura. Ela me passava entrevista... Enfim. A gente fez entrevistas juntas. E a Filipina me falou... Ela acompanhou o meu drama lá no Folclore; e depois daquele trauma com o Collor, eu queria muito ir para um lugar onde eu fosse concursada, para não ficar tão exposta. E a Filipina me avisou que ia abrir um concurso.

C. C. – Era antropologia brasileira?

M. L. – Era antropologia brasileira. E eu, nesses anos todos, tinha podido estudar muito pouco. Eu te falei. Eu estudei mesmo na minha graduação e no meu mestrado,

porque depois foi a vida, ali, lutando, tendo que fazer coisas. Então eu tinha estudado muito pouco. E o Museu, na mesma época, abriu um concurso de teoria antropológica. A Malu, também, estava querendo entrar. E os dois concursos abriram aos mesmo tempo. E eu e Malu éramos muito amigas. A gente... A gente não queria concorrer, as duas, no mesmo concurso.

C. C. – Aí você fez para o IFCS.

M. L. – Aí, a gente conversou, ela tinha estudado muito mais que eu, eu tinha parado de estudar, esses anos todos, eu tinha parado de estudar, mas antropologia brasileira não, Celso, porque trabalhando no Instituto Nacional do Folclore, tudo que eu tinha feito era estudar antropologia brasileira.

C. C. – O que para a Malu seria mais distante.

M. L. – O que para Malu seria muito difícil. Então, a gente conversou – amigas não é? – e falou: “Você vai fazer esse concurso e eu vou fazer esse”. E eu achava que eu não teria chance no outro, porque eu não teria tido tempo de estudar. . O concurso, a inscrição acabava em abril. Abril. Era em final de março [de 1993]. Eu tinha até agosto [de 1993] para defender. A Filipina me avisou em novembro.

C. C. – Você correu.

M. L. – Aí foi uma loucura. Eu fiz a... Eu escrevi minha... falei isso para os meus alunos: olha, eu escrevi minha tese de doutorado em dois meses. Eu escrevi minha tese de doutorado em dois meses.

C. C. – Para fazer o concurso.

M. L. – Aí, eu pedi licença do trabalho, eles me deram. Eles foram muito [corretos]... Mas eu tive... No doutorado inteiro, eu tive dois meses de licença para escrever minha tese. Aí eu consegui.

C. C. – Bom. Passou no concurso.

M. L. – Passei no concurso. Defendi a tese, passei no concurso. Mas aí eu já estava... Foi o que eu te falei. 1989 foi muito marcante para mim. Eu já tinha muito amadurecimento do trabalho do carnaval, porque eu estava vindo com o carnaval há muito tempo. Agora eu fiz... Se você ler *O Mundo Invisível*...

C. C. – 1989, da reabertura. Ou você está falando de 1993?

M. L. – Da reabertura. Não. De 1989. Quer dizer, eu já tinha muito... Já tinha [pesquisa]. Muita... Porque, esse ano todo, o carnaval foi acontecendo, também. Então eu

estava madura também e pude fazer as pesquisas de campo... Se você ler *O Mundo Invisível* e ler *O Carnaval Carioca*, eu acho que eles estão no mesmo nível, assim, de etnografia; são duas boas etnografias. A do *Mundo Invisível* é mais escola sociológica francesa, aquele sistema, que é maravilhoso, que é tudo articula... mais lévi-straussiano, tudo articula com tudo, o ritual, a possessão... A coisa toda mais escola sociológica. *O Carnaval*, já é mais processo ritual e antropologia urbana, assim. O outro, era camadas médias também, mas eu não aprofundava isso. Mas *O Carnaval*, já é muito urbana e é um processo, ritual. Então, foi uma abordagem diferente. Foi bom, também, me modificou. Foi bom.

C. C. – Agora, falando já do período como professora lá no IFCS. Se não estou enganado, pouco depois que você entra, aí surge o Oracy Nogueira e o boi-bumbá de Parintins [Amazonas].

M. L. – É. O boi-bumbá. Foi. Pois é.

C. C. – Que vão ser duas coisas que te perseguem...

M. L. – É. Até hoje.

C. C. – Até hoje. As obsessões. As obsessões.

M. L. – É. Aí a gente já chega no presente. Não. Porque é assim. O que é que aconteceu? A pesquisa dos estudos de folclore foi muito marcante; e a relação com Luís Rodolfo, muito profunda, muito marcante. Um dia, quando a gente lançou o livro póstumo dele, eu falei que eu achava, que eu suspeitava que ele era hiper [dotado], tinha uma inteligência extraordinária, porque, com um mês de trabalho, Luís Rodolfo já sabia tudo, já tinha lido tudo o que as outras pessoas tinham levado meses para ler; em um mês, ele ficou logo o meu interlocutor principal, parceiro e cúmplice ali. A gente fez junto o [artigo] *Traçando Fronteiras* [publicado na Estudos Históricos]. Enfim. Uma delícia de pessoa. E tinha sido interrompido. Mas aquilo tinha dado uma... A relevância daquilo foi muito grande, porque foi uma experiência... Eu até escrevi sobre isso. Quando a gente começou a... Quando a gente entrou no Folclore, a antropologia desqualificava muito o folclore, e para nós, daquela geraçãozinha que entrou ali, formada pelo Gilberto e pelo Museu, de repente a gente era o outro da antropologia. Foi uma experiência muito interessante, de você sentir a discriminação que você, do outro lugar exercia. Você virou o seu próprio outro. As pessoas torciam o nariz, com esse negócio de folclore. E a pesquisa foi muito importante. A Lúcia Lippi, Helena Bomeny, Ângela Castro Gomes, o

ambiente aqui do CPDOC, o Ricardo [Benzaquen], o pessoal de pensamento social, eles foram...

C. C. – É. O grupo de pensamento social da Anpocs foi um espaço para vocês participarem...

M. L. – O grupo do pensamento social da Anpocs foi fundamental. Porque eles acharam que aquilo era relevante. E eles tinham essa ideia de mexer na visão [da história das ciências sociais]...

C. C. – Mas aí, pela linha do pensamento social. Muito.

M. L. – É. Porque eles tinham uma ideia... Eles brigavam muito, o pessoal do Sérgio Miceli, tinha aquela coisa mais institucional, visão das ciências sociais, o que contava eram as instituições, e a gente...

C. C. – Mais Bourdieu também.

M. L. – Mais Bourdieu. E essa turma aqui do Rio tinha toda uma crítica a isso, e que eles faziam no trabalho deles. E o nosso trabalho entrava, dentro da proposta, perfeito, porque era modificar uma visão e aumentar o escopo de ciências sociais. Então, essa interlocução foi muito importante. Muito importante. E essa pesquisa me deu uma sensibilidade muito grande para a estigmatização. Uma experiência muito viva, de você ser... Ah. Você é folclorista agora... [risos] Quando falava com as pessoas... Gilberto não. Gilberto sempre foi uma pessoa muito aberta e que sacou ... Depois, a gente tem que, uma hora, fazer uma coisa direita sobre isso, que eu acho que merece. Merece. Ele tem [uma atuação muito relevante]...

C. C. – É. A importância dele nessa área de folclore...

M. L. – A importância dele nessa renovação.

C. C. – Patrimônio, folclore, ele teve uma...

M. L. – Patrimônio, folclore. Tem uma coisa muito relevante nele. Uma pessoa muito ampla, muito aberta. Mas, então, aquilo me deixou... E eu, no concurso de antropologia brasileira, eu tinha lido tudo, estudei muito, li tudo, e tinha me encantado com o Oracy Nogueira, com *O Preconceito Racial de Marca e Preconceito [Racial] de Origem*. Achei que aquilo... Eu acho aquele texto a melhor coisa que já se escreveu sobre relações raciais no Brasil. E eu tinha ficado maravilhada com aquele texto e... Como é que esse cara escreveu isso em 1952? Porque o que tinha passado em sociologia não era nada disso. Era Florestan, Bastide...

C. C. – É. Florestan era hegemônico.

M. L. – É. Eu falei: de onde vem?... Muito parecido... Ontem, até eu falei isso. O espírito da pesquisa do folclore veio comigo para o IFCS e eu fiz a pesquisa do *Estudo de comunidade na constituição das ciências sociais brasileira - o lugar de Oracy Nogueira*.

C. C. – Só para registrar. O que a gente está falando de ontem é o seminário em homenagem ao Luís Rodolfo Vilhena, que fez vinte anos da morte dele e aí teve, lá na PUC Rio.

M. L. – É. O colóquio. Era Folclore e Ciências Sociais. Então, isso tudo ficou muito vivo ontem, essa pesquisa que eu estou falando. E o livro do Luís Rodolfo é um marco.

C. C. – *Projeto e Missão*.

M. L. – É. O Luís Rodolfo pegou... A pesquisa foi destruída, junto com o Collor, no final do governo Sarney e governo Collor, essa coisa que eu já falei de 1989. Mas foi bom, porque foi no mesmo ano que eu reabri o doutorado, e a gente continuou juntos. E aí ele decidiu [tomar o assunto como tema de seu doutorado]... O livro dele é um marco. Então, esse espírito da categoria nativa, da importância... Porque os *estudos de comunidade*, também, foram muito discriminados. E o Oracy Nogueira é um gênio, e eu nunca tinha ouvido falar de Oracy Nogueira. Roberto DaMatta cita ele naquele texto *Relativizando*. Era o único lugar que eu tinha ouvido falar, e em lugar mais nenhum. Aí, enfim, encurtando a história, eu acabei herdando o arquivo do Oracy Nogueira. O negócio foi fundo. [risos]

C. C. – Que agora está na Fiocruz.

M. L. – Está com a Fiocruz. Porque o Marcos Chor, na pesquisa de relações raciais, mexeu muito com isso, acabou que ele me carregou com ele para lá.

C. C. – Está bem lá.

M. L. – Mas isso foi... Enfim, isso foi, também, uma história muito emocionante. E... Ah! Me deixa contar?

C. C. – Claro.

M. L. – Porque isso vale a pena. O Marcos já falou: “Você tem que conhecer Oracy Nogueira”. Aí eu fui a São Paulo. Edmar estava indo a São Paulo, trabalhava em São Paulo, aí, também, foi bom, porque eu arranjava os motivos para ir a São Paulo. Aí fui a São Paulo. Aí fui na casa do Oracy Nogueira. Quando eu cheguei na casa do Oracy Nogueira, ele sabia quem eu era. Sabe por que ele sabia quem eu era? Ele era grande

amigo do Cândido Procópio Ferreira. O Cândido Procópio Ferreira se matou. E o Cândido Procópio Ferreira tinha lido meu livro.

C. C. – O Espiritismo.

M. L. – *O Espiritismo*. E tinha dado o meu livro para o Oracy Nogueira. E o Oracy Nogueira sabia quem era eu, por causa do *Mundo Invisível*.

C. C. – Ele era espírita, Oracy?

M. L. – O filho... Aí o filho do Oracy é espírita. Aí quando o Oracy morreu e eu fui encontrar o filho do Oracy na casa do Oracy, onde já não tinha ninguém, o filho do Oracy sabia dessa história toda, que o pai dele tinha comentado com ele que tinha vindo... O pai dele era muito engraçado.

C. C. – Já estava tudo determinado. [riso]

M. L. – Já estava tudo determinado. Não. Olha... Mas olha mais. Ouve mais. Porque essa história é ótima. Ouve mais. [risos] O filho falou para mim que ele sabia quem que eu era, por causa do livro, ele, o filho, era espírita, o José Luis, (a gente ficou amigos) o José Luís, e a... Como é que é? Ai meu Deus. Agora, eu perdi o fio. Ah! E o pai tinha comentado, no dia que eu fui lá visitar o pai, que eu conheci ele ainda, antes dele morrer, o pai tinha comentado com José Luís: “Imagina, meu filho, veio, aqui, uma moça, hoje, que sabe tudo de Oracy Nogueira”. Aí ele sabia que eu tinha ido. Aí, no dia que eu cheguei lá para conversar com ele, ele me recebeu, na hora do almoço, a casa não tinha ninguém, o escritório do Oracy – eu conto isso no *memorial* [do concurso para Profª. titular] – o escritório era no sótão, sabe o que é que ele me falou? Ele falou assim: “Olha. A chave da minha casa está aqui. Eu tenho que voltar para o trabalho. Você pode descer no sótão e pegar o que você quiser. Toma aqui a chave”.

C. C. – A guardiã da memória. Pode levar o arquivo também.

M. L. – Sabe o que é que eu achei, nesse dia? Eu saí, debaixo do braço, com duas pastas úmidas... Isso é uma coisa...

C. C. – Ah. Você falou ontem. Os originais que ele organizou para a coleção Grandes Cientistas Sociais, que o Florestan [coordenava]...

M. L. – Os originais. Isso ficou comigo, cara.

C. C. – Que era do?...

M. L. – Do Willems e do Pierson.

C. C. – Emilio Willems e do Donald Pierson.

M. L. – Então tem toda a bibliografia, tem a seleção de texto e, mais do que isso, tem... O Oracy resolveu usar o método dele com os dois autores e pediu para o Pierson e para o Willems fazerem uma autobiografia; então, tem uma autobiografia do Willems e uma autobiografia do Pierson! Eu fui buscar isso. Eu não mexi nisso até hoje. Porque aconteceu tanta coisa...

C. C. – Tem que publicar.

M. L. – Tem que publicar, não acha? Mas isso fica para [o futuro]... É muita coisa. Porque o arquivo foi... Na hora que o arquivo foi para a Fiocruz, eu falei: isso é um trabalho de uma comunidade, não é um trabalho só para uma pessoa, também. Mas essa história do arquivo é maravilhosa. Eu quero escrever, ainda, sobre isso. Eu tenho esse material, eu quero dar destino a isso. Está lá com eles [na Fiocruz], está muito bem guardado, mas eu ainda não esgotei...

C. C. – Você tem que escrever sobre a história do arquivo.

M. L. – Eu tenho que escrever sobre a história do arquivo, o que é que tem no arquivo. Eu tenho que passar, para quem vier pesquisar, essas coisas.

C. C. – E o boi-bumbá de Parintins?

M. L. – O boi. O boi, foi o seguinte. Eu adoro... carnaval, obviamente... Que é muito difícil você trabalhar com espiritismo e não virar espírita... Eu estou brincando, que é claro que eu não viria espírita; mas eu tenho sonho espírita, eu perdi totalmente o medo dos espíritos, eu entendo perfeitamente os espíritos, sabe. Assim, era essa coisa da... como é que fala? - da transformação do campo. A gente, realmente, se modifica. Eu demorei muito para aceitar isso; mas, eu cheguei a bons termos com isso. E o carnaval, idem. Eu me apaixonei pelo carnaval. O pessoal do carnaval, também, é muito incrível. Eu me apaixonei pelo carnaval. E a Amália, quando eu trabalhei [no INF]... Porque é assim. Eu fui trabalhar com carnaval porque... O pessoal lá no Folclore, além da Lélia ter me propiciado isso, eu ficava muito... Eu falei que eu brigava com o Gilberto porque o Gilberto queria me controlar. Eu odeio que alguém diga o que é que eu tenho que pensar. E quando você chega no Instituto Nacional do Folclore... Eu falei: depois que eu deixei de ser católica, ninguém mais me diz o que é que eu tenho que pensar, como eu tenho que pensar alguma coisa [rindo]. Então, assim, quando eu entrei lá no Folclore, eu ficava muito irritada com essa história do que é que é folclore, o que é que não é folclore. Tanto que o projeto foi uma maneira de lidar com isso também, mas de outra maneira. Vou ficar

discutindo fronteira, o que é que pode, o que é que não pode? Pela madrugada! Para com isso. Porque era isso. Era essa a discussão que existia. Isso é folclore ou é sociologia? Isso pode, isso não pode. A gente deu uma mudada nisso, mudou os termos do problema. Mas isso me irritava muito. E escola de samba não era folclore, não podia, porque era urbano, não sei o quê. Aí eu falei: ah, quer saber do que mais? É escola de samba. E o boi-bumbá também. O pessoal... Tinha a comissão de folclore lá do Amazonas que queria proibir o boi-bumbá de existir. As pessoas ficam loucas. Loucas. Queria proibir. Aí Amália tinha ido. Amália tinha ido...

C. C. – A Parintins.

M. L. – A Parintins. Quando ela voltou, ela sabia que eu gostava muito de carnaval, ela falou: “Você tem que ir. É uma coisa extraordinária, espetacular!” Chamaram ela para jurada. Outra pessoa que tinha ido, o Sérgio Ferreti, também, falou: “é uma coisa maravilhosa”. O Sérgio tinha essa... até hoje, ele tem essa ligação também. Um outro antropólogo lá do Sul, que, agora, eu esqueci o nome, um cara que trabalha com festa... Sérgio [Teixeira]. Escreveu sobre a Festa da Uva. Amigo do Ruben Oliven. Ele tinha ido também, escreveu um pequeno artigozinho, no jornal da ABA, sobre os deslumbrantes bois-bumbás de Parintins. E o bumbá tinha essa coisa da visualidade espetacular, que eu sou completamente apaixonada pelas alegorias do carnaval. Acho aquilo ali uma forma de arte contemporânea. E isso, realmente, eu me apaixonei por isso. E o boi tem isso também. Aí eu fui, em 1996. O boi eu não fechei o boi até hoje, porque é uma pesquisa difícil, então eu vou de quatro em quatro anos, e depois escrevendo e vou fazendo. Mas, o que é que aconteceu? O boi trouxe os folcloristas, Celso, de novo. Mas aí eu também, agora, Mário de Andrade para lá, Mário de Andrade para cá... Acabei de traduzir o *Música de Feitiçaria*, com Peter Fry. Você acredita? Traduzimos [para a revista *Vibrant*]. É o primeiro texto de Mario de Andrade traduzido. Primeiro texto – acadêmico, digamos, do Mario de Andrade traduzido para o inglês. Acabamos de fazer isso. As coisas vão levando a gente.

C. C. – Você entra no IFCS... Quer dizer, antes de falar do IFCS, voltando para a sua trajetória profissional, e não só das pesquisas, você entra no IFCS, aí tem o período probatório, os primeiros anos ali, mas aí você, no seu memorial, chama muito atenção para esses dois anos que você passou nos Estados Unidos.

M. L. – Ah. Foi.

C. C. – Em Columbia. Pós-doutorado. Como tendo muito tempo para estudar, ler. E toda essa bibliografia sobre rituais – Turner - vai entrar aí muito forte. Como foi essa experiência lá em Nova Iorque?

M. L. – Lá na universidade? Olha assim. Primeiro, assim, dois anos probatório, esquece, porque eu cheguei lá, me puseram... Era um departamento... Antes de eu ir [viajar] ...

C. C. – Quer dizer, não iam te dar licença para ir fora dois anos antes de passar...

M. L. – Não. Mas em compensação, sabe o que é que eu tinha feito nesses dois anos antes? Olha o que é que eu tinha feito. Eles tinham que me dar, porque... o que é que eu tinha feito, quando eu cheguei. Primeiro me puseram na... O Departamento de Ciências Sociais tinha sessenta... Era um departamento de ciências sociais. Tinha sessenta professores. Era um inferno.

C. C. – Tinha um mestrado de ciências sociais ou ainda era um curso lato sensu?

M. L. – Tinha um mestrado de ciências sociais [anteriormente]. No semestre que eu entrei, a Alice me chamou; e no primeiro semestre de... no segundo semestre de 1994, eu já dei um curso no mestrado, que já era de sociologia. Eu dei o curso de teoria antropológica, no segundo semestre que eu já tinha entrado. Não chamava teoria antropológica, não. Chamava teoria. Eu dei um curso. Ela me chamou. Chamava mestrado de sociologia. Então, eu tinha entrado em janeiro de 1994, na hora que eu entrei, me chamaram para coordenar a área de antropologia do Departamento de Ciências Sociais, que fazia tudo que o chefe de departamento faz, só que não tinha o título. Você que organizava a sua área, distribuía curso, dava curso, não sei o que. Fazia tudo. O chefe de departamento, mesmo, não fazia nada, porque quem fazia eram os chefes de área. E tinha sessenta professores. As reuniões duravam seis horas. Era um inferno! E, nessa época, o Marco Antonio [Gonçalves], também, tinha virado doutor, e eu fiquei muito amiga do Reginaldo e do Marco Antonio nessa época, e um belo dia... Era uma coisa assim. Porque eu vinha de uma experiência de muitas outras experiências profissionais, então a minha carreira é uma carreira muito diferente de quem fez a carreira de dentro da universidade, que é o mais comum. A universidade é muito endogâmica. E eu acho que isso, às vezes, vicia muito as pessoas, porque elas nunca saíram do mesmo lugar; elas fizeram graduação, mestrado, doutorado e trabalham no lugar onde elas fizeram graduação, mestrado e doutorado. Sabe, assim, uma UFRJ. Eu estava vindo desse mundo,

tinha um monte de experiências. A hora que entrei lá, eu falei: mas por que isto é assim? Porque eu já tinha tido essa experiência no [Instituto Nacional de] Folclore. Falei: “por que isto é assim? Vamos fazer diferente?” Que foi o que a nossa geraçãozinha ali fez. Eu me lembro de um dia, com a Beth Travassos, a gente pegou o documento que orientava a ação da área.

C. C. – Mas a Beth Travassos não era da Unirio?

M. L. – Não. Ela foi depois. Nessa época, a gente ainda estava no Folclore.

C. C. – Ah. No Folclore, ainda. Perdão.

M. L. – É. Não. É só porque essa experiência vai bater lá. A gente pegou o documento – aqueles documentos oficiais que orientavam a ação da área. Aí... Era para o ano seguinte. Vamos fazer a proposta de ação da área. Aí vinham aquelas orientações. Aí eu olhei para a cara da Beth, a Beth olhou para minha cara, a gente falou: “Beth, Maria Laura, quem escreve isso aqui? Somos nós, não é?” Mudamos tudo. Mudou o plano de ação todo. [risos] Não tem ninguém. É você. É aquela coisa, que a gente virou adulto dentro do Folclore. Eu acho que tem professor universitário que nunca virou adulto na vida. Aí, quando eu cheguei lá, eu tinha essa experiência. Eu entrei, a primeira reunião que eu fui do Departamento de Ciências Sociais, eu falei: “Gente. Isso é impossível. Esse mundo é impossível. Vamos fazer um departamento?”. E tinha o Marco Antonio, e tinha o Reginaldo. E tivemos que convencer o pessoal mais velho, a Neide [Esterci], a Yvonne [Maggie]...

C. C. – Yvonne era a diretora?

M. L. – Yvonne era a diretora, estava com um movimento de renovação do IFCS importante, Yvonne deu apoio, o pessoal da sociologia apoiou. Yvonne foi fundamental. A gente trabalhou... Eu trabalhei um ano inteiro com o pessoal da sociologia e da ciência política, para dividir as coisas, fazer os departamentos. E na hora da reunião da... do conselho universitário, onde é aprovado mesmo, a Yvonne foi, para defender. E foi muito importante a ida da Yvonne. Aí a gente conseguiu passar o departamento. O Otávio estava lá... Enfim. Otávio Velho estava no conselho que apoiava. Otávio Velho. Ele era membro.

C. C. – Ah, sim. Porque aí era UFRJ.

M. L. – UFRJ. [top] Porque, para criar um departamento, você tem que ter a aprovação ...

C. C. – Sim, sim. Conselho Universitário.

M. L. – É. Aí já é... O processo correu todo... Foi um ano de trabalho. E aí a Yvonne foi lá... e a gente fez o departamento. Aí fez o Departamento de Antropologia, outro de Sociologia e outro de Ciência Política.

C. C. – Quer dizer, o que não deu certo depois foi juntar as duas antropologias da UFRJ.

M. L. – Não. Mas foi junto... Pena que foi junto. Porque a gente começou isso [com o departamento], eram movimentos totalmente separados, mas acabou que ocorreu junto [a transformação da Pós Graduação], e deu uma briga horrorosa. Porque a gente estava fazendo isso e aí, ao mesmo tempo, a gente começou a reivindicar que era muito patético, a antropologia era desde sempre, naquela pós-graduação, metade dos professores, metade das teses, em que a gente não tinha visibilidade nenhuma. Aí fomos, um dia, conversar com Alice Abreu, que era a coordenadora, e Alice era uma pessoa muito aberta. Alice se transformava, numa conversa. Alice deu todo apoio. Aí a gente também... Trabalhei muito, esses dois anos probatórios. Ainda, a gente fez também toda uma proposta. Discute o colegiado, não sei o quê, não sei o quê. Vamos fazer o programa para graduação em sociologia e antropologia, porque já é o que é, parará, o pessoal de sociologia... Enfim, aquelas complicações dessas coisas, que você sabe como é que é. Aí... Mas o departamento passou primeiro. Aí, dois meses depois, chegou lá [a modificação do] o Programa [de Pós Graduação]. Aí foi horrível, porque pediram um parecer para... enfim, uma pessoa do Museu, que deu um parecer super negativo: que a gente não tinha experiência, que não sei o quê, que não sei o quê. Foi uma coisa horrível. Até Luis Fernando Dias Duarte, que é meu amigo querido, perguntou: “Mas por que vocês querem também a pós-graduação?” Para você ver como é que era.

C. C. – É. Porque a UFRJ tinha o mestrado em antropologia social...

M. L. – Por que vocês não ficam só com a graduação?

C. C. – E vocês queriam criar o mestrado e o doutorado em antropologia, também.

M. L. – É.

C. C. – Que acabou ficando... sociologia e antropologia cultural.

M. L. – É. Ficou em... A gente fez uma coisa muito *legal*. A gente forma mestrado em sociologia com especialização em antropologia; e no doutorado, você opta e você se doutora ou em antropologia cultural ou em sociologia. Aí a grande negociação com o

Museu. Mas foi uma briga horrorosa. Graça... Gilberto sempre esteve do nosso lado. Luís Fernando, também, acabou apoiando. José Sérgio apoiava. Mas foi uma... como falava a Yvonne, briga de cachorro grande. Aí a grande negociação foi com a titulação. Eles ficaram titulando como doutorado em antropologia, e nós, doutorado em antropologia cultural.

C. C. – Quer dizer, antropologia social, lá.

M. L. – É. Antropologia social ou... Enfim. Aí a gente ficou com antropologia cultural, porque o departamento já era de antropologia cultural mesmo, porque não podia duplicar o Departamento de Antropologia do Museu. Na verdade pode, porque... Essa que foi a nossa... Quando a gente foi ver, tem departamento de biologia disso, departamento de biologia daquilo, departamento de química isso, de química aquilo. Era ciúme mesmo.

C. C. – Você acha que era uma... ciúmes ou, assim, não querer que invadissem... o feudo.

M. L. – Não queriam que a gente crescesse. Não queria que a gente crescesse e queriam manter uma coisa... um monopólio, mesmo, de formação de pós-graduação.

C. C. – É. Agora vocês... Bom. Eles eram programa sete. Era o Olimpo.

M. L. – É. A gente era cinco.

C. C. – Mas vocês conquistaram o sete. Gradualmente, vocês chegaram ao sete. Não nasceram sete.

M. L. – A gente era cinco. Aí logo... Foi muito *legal*, porque logo... Foi a melhor fase. Não nascemos sete. A gente era cinco, quando a gente fez isso. Aí foi uma fase muito boa da minha vida no IFCS. Porque a gente [logo virou] seis, e estava todo mundo muito a fim de crescer. Foi uma fase muito gostosa. Melhor do que a fase que chegou... Eu acho o sete uma chatice, para te falar a verdade. Eu gostava quando era seis.

C. C. – É. Mas o sete vocês têm que manter, para não ter a decadência.

M. L. – É. E aí, todo mundo que chega já tem aquilo e não tem noção do que é que é, sabe, assim, aquilo; acha que... Aí reclama de umas besteiras... Gostei da época do seis, porque foi muito bom. Muito bom. Mas então, eu tinha trabalhado muito, quando eu fui... quando eu pedi a ...

C. C. – Sim. Mas e a experiência americana? Dois anos?

M. L. – ...quando eu pedi o pós-doutorado. Eu tinha ralado, lá no IFCS.

C. C. – É um luxo, passar dois anos, já nessa etapa da vida.

M. L. – É.

C. C. – Quer dizer, as pessoas, a gente entrevistou vários, fez doutorado três meses, quatro meses.

M. L. – É. Mas para mim foi muito importante, porque... Eu precisava muito disso, porque... eu estava trabalhando...

C. C. – As suas filhas foram? Não.

M. L. – Minhas filhas ficaram indo e vindo. Eu fui com meus enteados, que ficaram dois anos lá. Minhas filhas ficavam meio seis meses cá, seis meses lá.

C. C. – Edmar foi também?

M. L. – Edmar foi. Edmar estava indo também. Edmar tinha saído do governo, queria muito ir, para ter um tempo mais afastado. E eu queria muito, também, porque, como deu para perceber, eu tinha trabalhado muito nos últimos anos e tinha estudado muito pouco no doutorado. E eu tinha entrado para a universidade e eu sentia, porque meus colegas estavam lá, estudando, desde criancinhas, tinham se beneficiado de quatro anos, num doutorado fora, nos Estados Unidos. Lembra? Aquele PN... como é que é? Aquele programa que as universidades têm.

C. C. – PNPB?

M. L. – PNPB. A pessoa passa quatro anos estudando. Os meus anos de doutorado foram isso que eu contei aqui. Então eu sabia, e eu gosto muito de estudar, e eu sabia que eu não tinha estudado no doutorado o que eu precisava estudar.

C. C. – E os estudos lá, de performance, ritual, Turner, como é que entrou?

M. L. – Eu tive muito impacto disso, porque eu estava com uma visão de ritual... Eu tinha estudado pouco, tinha estudado antropologia brasileira mas não teoria, então as minhas leituras dessa área eram as leituras antigas; e, quando eu cheguei lá, eu sofri um impacto dessa onda da performance. Foi muito difícil, estranho, porque tem uma diluição da antropologia nos estudos de performance. Eu peguei o Departamento de Antropologia de Columbia numa hora... Eles tinham tido intervenção da reitoria. Para você ter uma ideia. Eles estavam brigando entre si. Uma hora muito ruim para acolher alguém. Tinham brigas sérias lá dentro. Estavam saindo de uma intervenção da reitoria. Mas eu consegui alguns amigos, relações lá, Fui a Chicago, fui a Notre Dame, com o Matta, fui a

Princeton, fazer palestra, conferência, mas o que eu mais gostei foi que eu pude estudar. E aí eu fiz uma bibliografia de ritual, assim, que até hoje eu leio. ...

C. C. – E usa nos seus cursos, trabalhos.

M. L. – Eu fiz um artigo, que foi um artigo importante, que foi o *Boi-bumbá de Parintins – breve história, etnografia da festa* -, que eu trabalhei o material etnográfico que eu tinha. Um artigo forte, assim. Mas eu achei que o que eu tinha que fazer mesmo era estudar, porque eu não ia ter muita oportunidade, quando eu voltasse, de novo. Você estuda em curso, mas você não pode estudar de verdade. Aí, eu estudei muito. Aí foi que eu me aproximei do [Victor] Turner, de uma maneira minha, assim, bem... bem mais interessante. Li a *Interpretação dos Sonhos* toda, aí vi como é que o Turner... Saber que você pode fazer isso. Li o Dewey e li o pessoal do *Art and experience*, li o Dilthey, sabe, as bases do Victor Turner. Enfim, aí a coisa fez diferença para mim. Fiquei mais segura. Voltei com uma bibliografia muito mais bem lida. Dei uma porção de curso com essa bibliografia, incorporei a questão da corporalidade de uma forma mais firme. Aí fiz o *Os Sentidos de um Espetáculo*, que é outro artigo, que é bem diferente já das coisas que eu fazia antes. Aí, me modifiquei. E foi muito bom, para os estudos de ritual. Eu me situei, tomei posição, me situo no campo...

C. C. – E criou um núcleo lá.

M. L. – Sei o que é que eu acho ruim, o que é que eu acho bom. Foram dois anos, assim, foram dois anos que quase que complementaram meu doutorado, porque eu pude estudar o que eu não tinha podido estudar. Estudei depois. E eu falava isso mesmo para os meus colegas. Falava: eu preciso dar um *upgrade* em estudo teórico. Aí li os linguistas todos, li o Saussure, li o Jakobson, li o Austin, li o Searle. Aí eu... Aí eu...

C. C. – Ficou mais segura.

M. L. – Aí eu fiquei segura. Foi muito importante.

C. C. – Na volta, você cria o Núcleo de Estudos Ritual, Etnografia e Sociabilidades Urbanas.

M. L. – Foi. Exatamente.

C. C. – E, também, você orienta, já tem quase cinquenta orientandos de mestrado e doutorado, muitos.

M. L. – É. Aí o trabalho ficou muito bom. Aí o trabalho ficou, sabe,... ficou muito consistente, com essas experiências de... [orientação]. Eu passei a, também...

C. C. – E o PPGSA foi também subindo, a nota, chega até o sete.

M. L. – Foi crescendo. Foi uma experiência... Aí eu cresci muito, porque, realmente... E, com os alunos, você pode usar o que você estudou, passar para eles e você pode orientar. E eu fui orientando assim, eu fui aprendendo a orientar, também. Porque orientação é uma coisa quase psicanalítica.

C. C. – É?

M. L. – Ah. Eu acho assim, porque é um contato muito íntimo.

C. C. – A Malu diria que é astrológico. [riso]

M. L. – Ah. Mas Malu é Malu. Eu não sou tão mística.

C. C. – Um caso de sinastria. Ou não.

M. L. – Eu fui por outro lugar. A Malu é muito mística. Mas eu acho que... Porque você... As pessoas têm... Você não pode dizer as coisas de qualquer... Acho que você não pode dizer as coisas de qualquer jeito, se você quer chegar a um resultado. Aí, eu também me apaixonei por esse trabalho. Tive experiências...

C. C. – Às vezes, ficam os nervos à flor da pele, os alunos.

M. L. – É. Eu tive experiências de orientação, assim, muito bacanas. Eu acho que uma das mais fortes foi... Eu orientei um menino, no mestrado, que ele tinha sido *crooner* de Black Metal. Um menino. Ele me ouviu falar sobre *Os sentidos do espetáculo*, lá em Santa Catarina, e ele veio atrás de mim. E ele tinha sido *crooner* de Black Metal. Era um menino alto, louro, forte, de jaqueta preta, e das pessoas mais delicadas e gentis que eu já conheci na minha vida. Falei: gente! Aí ele me dava o material, eu levava para casa, ficava até nervosa, porque... Eu falei, meu Deus, se as minhas filhas virem... Aquelas coisas horrendas do Black Metal. Horrendas. Sangue, Cristo... Eu falei, bom, mas, antropóloga... vamos lá. Ouvi aquelas coisas. E aí foi muito interessante, porque eu entendi o Black Metal, muito. Foi uma experiência fortíssima. A orientação com ele foi fortíssima. E ele queria exorcizar aquilo. Um menino inteligente. Foi, assim, muito interessante. Muito interessante. Deu muito certo. E ganhou prêmio da Anpocs. *Trevas na cidade*. [riso] *O underground do Metal extremo no Brasil*. Foi muito bom. Então, a orientação, ela te abre muito; não só pessoas, mas ela te abre coisas, lugares... Ela te leva a lugares onde você jamais iria. E você poder dar apoio. Porque etnografia é uma coisa muito difícil de ensinar, Celso.

C. C. – É.

M. L. – Então, por isso que eu acho que tem um lado que... Você diz para a pessoa “acredita nisso”, mas a pessoa não tem a experiência; então, como é que você, sabe... como é que você leva a pessoa, numa etnografia? Porque a etnografia dá muita ansiedade nas pessoas. Você não sabe onde você vai chegar, na pesquisa.

C. C. – Sim. Você tem que ter cuidado, para...

M. L. – Essa coisa de você dizer “olha, a melhor coisa é você se deixar levar”, você tem que ter uma relação onde isso possa ir acontecendo, porque se você soltar a pessoa, ela vai ficar perdida. Aí tive experiências muito *legais*. Todas assim, assim, como a Luciana [Gonçalves de] Carvalho, também, que... nossa! – descobriu um caso lá no [bumba-meu-boi do] Maranhão... Aí a pessoa muda o perfil, muda o tema. Aí, aquele problema, todo mundo acha horrível. Mas, poxa, a pessoa está mudando o tema porque tem tudo a ver ela mudar o tema. Agora é que ela encontrou o que ela quer fazer.

C. C. – É. Você mudou de tema, também, no passado, entende bem.

M. L. – Eu também mudei. Eu passei por tanta dificuldade para fazer o doutorado, que eu entendo todas as dificuldades das pessoas. Acabou que a gente fica muito tolerante. Tolerante assim... Mas eu também sou muito firme, muito exigente. Então... Eu gosto muito de orientar.

C. C. – Agora, quando você fez mestrado, você falou – quando eu fiz também – eram quatro anos de mestrado. Tinha um quinto ano, que era prorrogação, tranquilo. Bastava o orientador... dizer que você estava escrevendo e tal.

M. L. – É. Tranquilíssimo. [O orientador] assinar. A gente ganhava bolsa só para o mestrado.

C. C. – Bolsa quatro anos...

M. L. – Você conseguia emprego só com o mestrado.

C. C. – É. Hoje, você orientando o mestrado...

M. L. – Conseguia emprego só com a graduação.

C. C. – Hoje, orientando o mestrado, a pessoa faz um ano de cursos enforcado e aí tem um ano para fazer a pesquisa, escrever e... É muito... mais difícil.

M. L. – É. É pouco. Mas é engraçado. O mundo mudou muito. Eu acho às vezes, os alunos...

C. C. – E doutorado virou o que era o mestrado antigamente, praticamente.

M. L. – É. Mas às vezes... Você sabe que eu tenho experiências de alunos que se saíram melhores no mestrado do que no doutorado. Porque tudo tem muitos lados. Às vezes, quando a pessoa é séria e quando a pessoa estudou, e você consegue uma boa relação com a pessoa, o resultado, a pressão não é necessariamente ruim não. Se a pessoa está disposta a fazer o que ela pode fazer da melhor maneira possível, ela se sai bem. E às vezes, o doutorado, a pessoa fica mais livre, tem mais tempo, a exigência aumenta, a pessoa se paralisa. É muito interessante. Não necessariamente...

C. C. – Começa a fazer outras coisas. Trabalhar...

M. L. – Começa a fazer outras coisas. Começa a trabalhar; teve um filho; a vida mudou, tem que fazer não sei o quê; começa a dar aula, aí não consegue, aí... Sabe? Tem uma coisa assim. Eu acho que é muito relativo.

C. C. – Acho que aumentou a competição também. Você tem dez candidatos por vaga. Não sei.

M. L. – Tem muita gente. É. Eu acho que tem muita gente que faz o doutorado, às vezes, sem vocação de fato. Faz o doutorado porque é um pouco a, hoje em dia, a exigência da...

C. C. – Tem que fazer, senão...

M. L. – Tem que fazer. É exigência da titulação. Então, eu sinto isso, não é todo mundo que tem vocação para, realmente, continuar ali. E às vezes faz... Até a pessoa é boa. Agora, eu tenho uma aluna que vai defender, que fez o mestrado. A menina era ótima aluna na graduação, foi ótima aluna no curso; mas chega na hora de fazer a pesquisa, não é a dela. Ela não foi feita para aquilo. Aí quer fazer um doutorado. Não tem que fazer um doutorado. Você não... Às vezes, a pessoa faz um doutorado porque também está sem referência e aí aquilo é uma referência. Ficou muito mais fácil fazer um doutorado.

C. C. – Ainda mais com a falta [de oportunidades de emprego]...

M. L. – Não é necessário... E o teu doutorado bom, ele é mais vocacionado, para você conseguir aproveitar aquilo... Mas hoje em dia, até porque a gente amadurecia muito, antes de fazer o doutorado; então, quando você vai fazer o doutorado mais novo, às vezes você ainda não está amadurecido intelectualmente, por causa dessa escadinha – graduação, mestrado, doutorado, a vida não deixou você amadurecer.

C. C. – Sim. Mas você... Você mencionou, você foi contratada como pesquisadora na Casa Rui assim que se formou. Eu fui contratado como pesquisador no CPDOC aos vinte e três anos, logo que me formei.

M. L. – É. Pois é.

C. C. – Hoje em dia, o doutorado, a pessoa não tem emprego, emprego formal, estável, vive de bico, de prestação de serviços, de uma bolsa aqui. O doutorado dá um horizonte, pelo menos.

M. L. – Dá um fôlego. Eu acho que a universidade é um ambiente protegido; é muito diferente de ir trabalhar no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, ir trabalhar na Casa de Rui, vir trabalhar no CPDOC, ir trabalhar no INF. Esses lugares, você sente o mundo real. Você sente [um impacto]. A universidade é um ambiente muito protegido. E a pessoa vira adulta dentro da universidade, ela está num ambiente muito protegido, e às vezes não tem noção... sabe, assim...

C. C. – Bom. Você chega a titular em 2015.

M. L. – É. Foi muito bom. Fiquei bem feliz.

C. C. – Fez o memorial...

M. L. – A gente ficou muito tempo parados, porque mudou a carreira. Aí inventaram aquele professor associado, então ficou todo mundo...

C. C. – Mais quatro níveis.

M. L. – E a gente ficou em [nível] quatro um tempão, ficou um monte de gente ali parado; numa época, não tinha vaga, a gente ficou em adjunto quatro um tempo. Não tinha o associado. E também não podia virar titular, porque tinha que entrar para titular por concurso. Aí, depois de alguns anos que eu já estava parada em adjunto quatro, inventaram o associado. Aí você começa o um, o dois, o três e o quatro. Então, foi ótimo, quando abriu, foi ótimo.

C. C. – Bom. Chegamos no tempo presente. Mas, aqui, só o que eu fui anotando, você tem vários projetos ou dívidas, ainda, que você falou, de escrever: sobre o arquivo do Oracy, sobre o tempo campo com os espíritas, boi-bumbá... Tem uma listinha, ainda. O que mais?

M. L. – É. Eu tenho. Eu fui para o pós-doutorado, em 1996, dizendo que eu ia fazer um livro sobre ritual. Até hoje eu não fiz.

C. C. – Livro sobre ritual, também está na listinha.

M. L. – Fiz um monte de coisas, um monte de coisas, no caminho.

C. C. – Vai precisar de mais uma encarnação, para fazer pesquisas. [riso]

M. L. – É. Eu tenho que priorizar. Tenho que ver onde é que eu quero mesmo. A gente vai aprendendo a limites. Mas eu aprendi a fazer as coisas muito assim também. Tem coisas que eu levo anos para fazer, e aí elas ficam prontas. Aí acontece.

C. C. – Mas você tem um momento, também...

M. L. – É. Eu levo anos para fazer as coisas. Desde que eu entrei na universidade, para fazer um artigo bom, eu levo uns cinco anos.

C. C. – Mas tem um momento também, me parece, vendo a sua trajetória, algumas coisas que você escreve, e ontem, também, muito, tem um momento em que você começa muito a pensar sobre suas experiências passadas, sobre seu campo passado, sobre coisas que você resgata, uma experiência vivida, como reflexão.

M. L. – É. Quando eu fiz o artigo lá para o Gilberto e para a Karina, a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca, aquele artigo é um artigo importante à beça para mim, porque foi um artigo... foi um momento que eu aproveitei [para refletir] ... O Gilberto sempre me disse isso. Ele falou para mim: “Você sabe aproveitar as oportunidades”. Então, um pouco isso. Tem coisas que aparecem na sua frente, que você não pode dizer que não, porque são coisas muito boas, mesmo que você esteja, naquela hora, querendo fazer outra coisa. Então, acabou que eu fiz muito isso. É ruim? É. Porque acaba que eu não consigo ficar na linha do que eu quero fazer. Mas ao mesmo tempo é maravilhoso, porque eu consegui fazer coisas muito *legais*. Imagina se eu pedi para constituir o Fundo Oracy Nogueira. Mas eu ia deixar de constituir o Fundo Oracy Nogueira? Eu também não pedi para fazer a pesquisa dos estudos de folclore e ciências sociais; mas eu estava lá dentro do Instituto Nacional de Folclore! Não vou fazer isso? Agora o meu amor mesmo, a minha paixão mesmo é a área de ritual. É a área de ritual. E talvez por que a exigência seja muito alta, eu também demore mais, porque o grau de exigência é maior. Eu quero fazer uma coisa que eu *realmente* goste de fazer. [risos]

C. C. – Estamos esperando.

M. L. – Acho que essa que é a prioridade. É. Eu espero que eu chegue lá. Aí convida: “faz um dossiê sobre o Victor Turner”; “vamos traduzir o *Música de Feitiçaria* do Mário de Andrade”. Cada coisa dessas, gente, é...

C. C. – Precisa passar um ano fora, de novo, para escrever o livro.

M. L. – Exatamente. Cada coisa dessas é um envolvimento para sair direito. E aí, se eu faço... assim, poxa! - também, depois que eu me comprometo, eu me comprometi, eu vou até... até o último minuto. E aprendi a... Eu falei com a Myriam, minha amiga Myriam Lins [de Barros], eu falei: “Myriam, eu descobri o método da atracação”.

C. C. – Atracação.

M. L. – É. Você se atraca com o assunto. [risos] Aí você fica atracada com ele. É o jeito. Aí você... eu vou até o fim. O método é do [com] o que é que eu vou me atracar. Porque é um pouco assim. Aí é de noite, de manhã, no fim de semana, você viaja, você leva junto, você volta, você leva junto; réveillon, você está com a cabeça ali; no natal, você está escrevendo. Mas é muito... Eu gosto muito. Porque, assim, a gente conhece muita gente boa, muita gente *legal*. Eu gosto muito de trabalhar junto, então acaba que isso também me puxa muito. É isso.

C. C. – Está ótimo. Foi um prazer...

M. L. – Obrigada pela oportunidade.

C. C. - ... conversar com você, por vários motivos. A gente se conhece há tanto tempo, também, tem tantas pessoas em comum. Tenho que me controlar, também, para não colocar a colher muito.

M. L. – É. Pois é. Obrigadíssima.

C. C. – Muito bem, meninas. Obrigado a vocês também.

[FIM DO DEPOIMENTO]